

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

A FLOR DO MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

O TEMPO PASSA

Academia de Letras da Grande São Paulo

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

UM LIVRE E
DELICADO
OLHAR

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

**NASCIMENTO
DO MESSIAS**

A MENINA E OS
VAGALUMES

Auf
Wiedersehen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

O NASCIMENTO

A NOVA AMIGA

O PRIMEIRO MILAGRE

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
José Bueno Lima
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Augusto Alonso Ballaminut
José Roberto Espindola Xavier
Alcidéa Miguel
Eva Bueno Marques
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro
Ana Cristina Silva Abreu
Giovanni Monopoli
Teresa Gentile

In Memoriam
Gioconda Labecca
Rinaldo Gissoni

O Anúncio

VI Antologia Literária

1ª edição

São Caetano do Sul
2023

Copyright@2023 – da Algrasp

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da Algrasp.

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Revisão

Maria Zulema Cebrian

Paula Fiorotti

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Gráfica

Alphagraphics Bela Vista

Impresso em 28 de outubro de 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

VI Antologia literária : o anúncio /
coordenação Maria Zulema Cebrian. -- 1. ed. --
São Caetano do Sul, SP : Academia Letras
da Grande São Paulo - ALGRASP, 2023.

Vários autores.

ISBN 978-65-88128-05-3

1. Literatura brasileira - Coletâneas I. Cebrian,
Maria Zulema.

23-169370

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Academia de Letras
da Grande São Paulo (Algrasp)**
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel. (55) 11 4221-1643

WWW.ALGRASP.COM.BR
academiadeletrasp@gmail.com

Composto em sistema
de editoração eletrônica
Impresso no Brasil



9 786588 128053

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

O TEMPO PASSA

A FLOR DO
MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

ENTRAREE
DILIGADO
OLHAR

Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

NASCIMENTO
DO MESSIAS

A MENINA E OS
SANTINHOS

Ant
Wladetschen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

A NOVA AMIGA

O NASCIMENTO

APRESENTAÇÃO

HÁ 42 ANOS a Academia de Letras da Grande São Paulo, vem sendo uma janela aberta para o engrandecimento da literatura nacional.

A escrita serve como uma saída notável para pensamentos e sentimentos que nós escritores encontramos, não apenas como um caminho para explorar novos horizontes, mas, como a possibilidade de aventurar-nos por esses territórios.

É nossa missão compreender a alma das criaturas e traduzir com nossas palavras seus sonhos e realizações, dignificando sentimentos e espargindo mensagens que elevem e sirvam à ordem, ao bem e à cultura.

A princípio editávamos a Revista *Tamises*, hoje em sua 21ª edição, com artigos debruçados sobre a literatura e cultura nacional e internacional.

E, em 2018, passamos a editar a *Antologia Literária*, hoje em sua sexta edição, que mescla os diversos gêneros, contos, crônicas, ensaios e poesias elaborados por nossos confrades e confreiras e sócios correspondentes.

Maria Zulema Cebrian

PRESIDENTE

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

O TEMPO PASSA

A FLOR DO
MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

ENTRAREE
DILIGANTE
OLHAR

Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

NASCIMENTO
DO MESSIAS

A MENINA E OS
SANTINHOS

Ant
Wladetschen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

A NOVA AMIGA

O NASCIMENTO



Maria Zulema Cebrian

@mzcebrian

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 03, cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña (Espanha), é filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Coursou Pedagogia, pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer (Santo André); Educação Artística-Licenciatura Plena em Música e História da Arte, pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila; Filosofia e Letras, pela Universidade de Salamanca (Espanha); Museologia e Serviço de Museus Históricos, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação de São Paulo; e Marketing, pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota, cursou Inglês, pela Cultura Inglesa (Cambridge); Espanhol, pela Universidade de Salamanca (Espanha); e estudou galego, como autodidata. Publicou os livros *Vontade de Ir Além* (2001), *Escreva seu Livro, é mais fácil do que imagina* (2005), *Costurando Sonhos* (2021), *Escreva, você pode* (2023) e participou de várias antologias literárias. A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul conferiu-lhe a Medalha de Honra Di Thiene, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, que contribuíram destacada e decisivamente para o desenvolvimento do município.

Arco de Santa Catalina

CHEGARA À GUATEMALA há três dias, na esperança de participar das tradicionais festas do país, que mesclam a influência da antiga civilização maia, dos espanhóis e dos árabes que se estabeleceram ali.

Estava em Antígua, cidade que, em 1979, fora declarada Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e que, há um longo tempo, ela e o marido, guatemalteco, haviam planejado conhecer. Suas profissões - ambos arquitetos e envolvidos com arte - os levaram até lá para aprofundarem-se no estudo da arquitetura barroca local, que se mantém preservada.

Quando abriu os olhos, o resplendor do sol que se filtrava por detrás das cortinas a cegou. Angústia acordou entre lençóis de linho engomados e perfumados com lavanda. Vestia um pijama de seda, perfeito para seu tamanho. Passou as mãos pelo rosto e sentiu que sua pele cheirava a sais de banho e que seu cabelo estava limpo, embora não se lembrasse de tê-lo lavado. Esquecera-se de tudo. Ergueu-se e se recostou na cabeceira aveludada, em tons azuis, esforçando-se por descobrir que lugar era aquele e o que estava fazendo ali. Ao seu redor, um mobiliário no melhor estilo barroco, com a tradicional extravagância e imponência que essa época dedicava às obras, com muito dourado e rococós.

Ao pé da cama um roupão e um par de pantufas. Sentiu o cheiro de café e vozes do outro lado da porta. Receosa, a abriu, mas não havia ninguém, apenas a mesa posta para o café da manhã, com pão, geleias, manteiga, um jarro com suco de laranja e ovos mexidos. Um aroma delicioso era exalado e, mesmo ansiosa, se sentou. Há horas não comia.

Um senhor de estatura média, calvo e de meia idade entrou e a cumprimentou com gentileza. Vestia terninho completo e gravata borboleta, o que lhe dava um ar particular de nobreza, como se fizesse parte da mobília do quarto onde despertara. Era a imagem de alguém que poderia ter seu retrato pendurado na parede de qualquer palácio. Usava grandes óculos com armação de tartaruga e o forte grau aumentava o tamanho de seus olhos azuis, penetrantes. Um belo homem.

— Bom dia! Como se sente?

Angústia olhou à sua volta e, amedrontada, pegou uma faca. Caso precisasse, não hesitaria em usá-la, estava amedrontada.

— Não vai precisar disso!

O magnetismo daquele olhar a fascinou, acalmou-se e teve a sensação de que o conhecera em algum momento. Sentiu novamente o aroma do café e se deu conta de que o que sentia era fome e uma dor feroz nas tripas. Decidiu que era melhor alimentar-se e ter forças suficientes para enfrentar o que viesse. Ele sentou-se e, gentilmente, começou a servi-la!

— Por que estou aqui? Quem me trouxe? Onde está meu marido?

Ele tinha uma voz melosa e cordial e sua fala era, digamos, relaxante. Angústia, a contragosto, descobriu que a comida quente e deliciosa a estava acalmando e o medo que a atormentara, a princípio, se dissipava aos poucos. Embora tímida, se acalmou. Na verdade, não tinha saída!

— Infelizmente tenho más notícias, seu marido faleceu, veja este obituário.

— Como morreu? - Pegou o jornal desesperada e, sem compreender absolutamente nada, gritou. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vou contar-lhe tudo, desde o início. Meu nome é Santiago Perez, pai de seu marido, Javier Perez Hernandez. É uma história longa e triste. Minha esposa En-

carnación, mãe de Javier, me abandonou e desapareceu quando ele tinha seis meses e, desde então, minha existência se transformou em uma busca exaustiva. Venho a Antígua na esperança de encontrá-la, mas o acidente, infelizmente, levou-me até meu filho morto e a você.

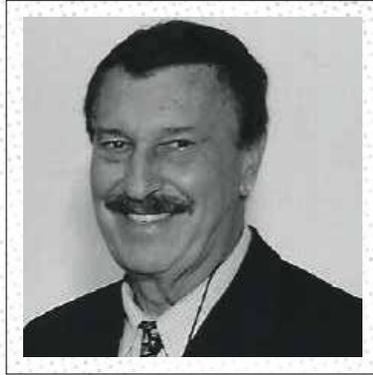
Todos os anos, na Semana Santa, vinha até o Arco de Santa Catalina, na esperança de encontrar minha ex-mulher, que frequentemente visitava o local nesta época. Desde sua partida, há 29 anos, venho ao local, na esperança de poder encontrá-la, mas, sem sucesso. E, uma vez mais não a encontrei.

Na manhã do dia seguinte à minha ida, lendo o *Diário de la Nación*, vi a notícia de que Javier Perez Hernandez falecera em um acidente de trânsito entre a Avenida Norte e a Calle Oriente, e que sua esposa fora levada para o Hospital Central, sem ferimentos, mas totalmente desmemoriada e que estava se recuperando na ala de emergências. Desesperado, me dirigi ao hospital e a encontrei. Os médicos me informaram que você precisaria de repouso e cuidados e que era turista. Identifiquei-me como pai de Javier e a trouxe para minha casa.

Meu filho, para minha tristeza, precisou morrer para que, eu finalmente pudesse encontrá-lo.

Angústia, uma vez mais soltou um grito sufocado. O jornal caiu de suas mãos e começou a chorar copiosamente. Santiago se aproximou e a abraçou. Sem forças para reagir, se deixou ficar abraçada a um estranho que acariciou seu cabelo enquanto ela gritava sua dor acumulada.

— Se quiser ir embora, meu motorista a levará aonde quiser, no momento em que pedir. Não precisa decidir agora. Espero que fique!



Milton Bigucci
@miltonbigucci

É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2003, ocupando a Cadeira 05, cujo patrono é o escritor Lima Barreto. Autor de centenas de artigos publicados na mídia, também escreveu seis livros: *Caminhos para o Desenvolvimento* (1997); *Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente* (1999); *Construindo uma Sociedade mais Justa* (2005), *Em Busca da Justiça Social* (2012); *50 Anos de Construção* (2012); e *7 Décadas de Futebol* (2014), todos com renda revertida a entidades beneficentes. Bigucci está finalizando seu sétimo livro, sobre empreendedorismo. De família humilde, descendente de italianos, começou a trabalhar bem cedo, aos 9 anos. Já foi arquivista, balconista, auxiliar de almoxarife, contador, auditor do setor automobilístico, gerente-administrativo e diretor de uma construtora. Como empresário sempre esteve ligado ao setor da construção civil, no qual atua desde 1961. Em 1983, fundou a MBigucci, uma construtora familiar, com sede em São Bernardo do Campo e que já foi reconhecida por quatro vezes (2022, 2021, 2015 e 2014) como a “Melhor Construtora Imobiliária do Brasil”, pela revista *IstoÉ Dinheiro*. Nascido no bairro do Ipiranga, em São Paulo, no dia 19 de dezembro de 1941, Bigucci é casado com Sueli Pioli Bigucci. Pai de quatro filhos (Milton Bigucci Junior, Roberta Bigucci, Marcos Bigucci e Marcelo Bigucci), tem 12 netos.

O nascimento

A chegada de um filho é sempre um grande anúncio

TRINDAD ERA UMA MULHER muito aguerrida, simples, humilde, mas de muito brio. Descendente de espanhóis, de Andaluzia, estava de nove meses, prestes a parir. Era dezembro de 1941. O medo tomava conta do mundo, com a entrada dos Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial, após a invasão dos japoneses à base de Pearl Harbor, no Havaí. No Brasil, não era diferente. Trindad, que na época era dona de casa, também tinha medo do que poderia acontecer ao seu primeiro filho.

A casa, na Rua das Municipalidades, na Vila Carioca, em São Paulo, era simples, com forro em madeira. Trindad estava no único cômodo, já sentindo as dores, quando pediu a Roberto, seu marido, que fosse buscar a parteira. Poucos minutos depois, ela já estava na casa, preparando a água e os lençóis. O parto foi rápido e uma hora depois Trindad estava com o filho nos braços. Um menino, forte e grandão. O pai não cabia em si de tanta felicidade, chamou os amigos para contar a novidade. A pequena casa tinha sido invadida pelas vizinhas, que também celebravam o anúncio do nascimento. Milton foi o nome escolhido pelo casal para o primeiro filho. Por um momento, todos esqueceram que havia uma guerra no mundo lá fora.

Roberto, carpinteiro, homem simples, gostava muito de ler. Com o filho nos braços, envolto em um lençol azul, com a casa já vazia das visitas, ficou pensando no que poderia lhe dar de presente, para que soubesse o que

acontecia quando nasceu. Lembrou-se do jornal *O Estado de São Paulo*, famoso periódico fundado um ano antes, em 1940. Rapidamente, entregou o menino para o colo de Trindad e saiu com passos rápidos em direção a uma padaria, que vendia jornais. Por sorte, com o estabelecimento quase fechando, conseguiu o último exemplar do dia 19 de dezembro de 1941.

As manchetes do primeiro caderno falavam da guerra, como era de se esperar. Aliás, quase todo o jornal era uma análise da entrada dos Estados Unidos no conflito mundial. Notícias que contrastavam com a página 4, seção feminina, que falava de moda, saúde e trazia um artigo exatamente sobre a chegada de um bebê à família. Roberto pagou e foi com o jornal embaixo do braço para casa. Chegando lá, deu uma boa lida, pegou a caneta, escreveu um bilhete na própria publicação: “Meu filho, este é o anúncio do que acontecia no Brasil e no mundo quando você nasceu”. Dobrou bem e o guardou em um baú onde ficavam também algumas fotos do casamento com Trindad.

No dia seguinte, um fato lhe ocorreu, o de que o jornal que havia comprado retratava as notícias do dia anterior ao nascimento do filho. Mais do que depressa correu à padaria para comprar *O Estado de São Paulo* do dia 20 de dezembro de 1941. As manchetes eram praticamente as mesmas, mas este número trazia, na página 12, uma coluna infantil, com passeios, histórias e brincadeiras. Ficou pensando se quando crescesse, o menino iria gostar de ler. Pegou a caneta e, da mesma forma, escreveu um bilhete ao filho, dizendo que o jornal trazia os fatos históricos exatamente do dia em que ele havia nascido. “Veja a página infantil, creio que vá gostar, meu filho”, complementou. E, assim como fez com o primeiro jornal, dobrou e guardou no baú de fotos.

Dois anos depois, Roberto conseguiu um bom emprego como operário no bairro da Mooca, em uma empresa

alemã. Lá montava e desmontava caixas de madeira para embalar máquinas industriais. A família então se mudou para o mesmo bairro, na Rua Tabajaras. A casa era pequena, mas já tinha três cômodos: quarto, sala e cozinha. Estava chegando o Natal. O menino Milton brincava com o cachorrinho da família. Começara a andar havia pouco tempo, mas já conseguia se equilibrar segurando nos pelos do cão.

Trindad estava grávida novamente, torcia para que fosse uma menina. No dia 10 de dezembro de 1943, as dores vieram fortes e quase não deu tempo para a parteira acompanhar. Roberto saiu correndo e gritando na rua, literalmente, com o mais velho no colo, atrás da parteira. Assim que chegaram em casa, o segundo filho do casal nasceu rapidamente. Era uma “meninona”, assim como a mãe desejava. Célia foi o nome dado a ela. Com a menina nos braços, Roberto se lembrou do presente que havia dado ao filho no anúncio do seu nascimento. E assim o fez também com Célia. Correu à banca de jornal e comprou *O Estado de São Paulo* do dia 10 de dezembro de 1943. Voltou lá no dia seguinte para comprar o exemplar também do dia 11 de dezembro daquele ano. As manchetes não eram muito diferentes de quando Milton nasceu. Ainda com a Segunda Guerra em andamento, traziam análises sobre as tropas soviéticas e a participação da Força Expedicionária Brasileira no conflito, contra a Alemanha nazista e a Itália fascista. O que tinha de diferente era uma página de cinema, com os filmes em cartaz.

A empresa alemã na qual Roberto trabalhava teve problemas por conta da guerra declarada do Brasil contra a Alemanha e fechou, e a família teve de se mudar novamente, desta vez, para o Alto do Ipiranga, instalando-se na Rua Guaperopa, em uma casinha pequena, que Roberto estava construindo.

Aos 9 anos, o menino Milton começou a ajudar a família. Estudava e trabalhava em um consultório de uma

dentista. Um dia, ao chegar em casa, viu a mãe mexendo no baú de fotos da família, sentou-se com ela e lá passaram um bom tempo revendo imagens antigas, do casamento de Trindad e Roberto, de seu batizado e de Célia. Embaixo das fotos estavam alguns jornais, já meio amarelados. O menino, que gostava de ler, pegou e viu o bilhete do pai, escrito à mão, dedicado ao filho: “Meu filho, este é o anúncio do que acontecia no Brasil e no mundo quando você nasceu”. Curioso, Milton começou a ler as manchetes e perguntar para a mãe sobre como era o mundo quando ele nasceu. Conversaram ali um pouco, mas a mãe precisava fazer o jantar, e deixou o menino com o baú. Milton leu os dois jornais inteiros, querendo saber tudo o que tinha acontecido no dia do seu nascimento.

Quando seu pai chegou do trabalho, o menino mostrou os jornais e deu-lhe um forte e afetuoso abraço, agradecendo pelo presente do anúncio no dia do seu nascimento. Dobrou e guardou os jornais e colocou-os de volta, embaixo das fotos, no baú da família.

Os anos se passaram, o menino Milton cresceu, se formou em Direito, em 1968, e, em 3 de maio de 1969, casou-se com Sueli. Na época, o casal morava na região do ABC Paulista, no bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo. A primeira filha não demorou a vir. Era o dia 6 de fevereiro de 1971, quando Sueli sentiu as dores, mas, diferente do seu nascimento com parteira, Milton, levou Sueli para o hospital. E lá nasceu Roberta. Ainda no hospital, com a filha no colo, Milton se lembrou do presente que o pai Roberto lhe dera.

Então, Milton entregou a menina à mãe e desceu as escadas do hospital. Bem em frente havia uma banca de jornais, e lá comprou o jornal *Folha de São Paulo*, do dia 6 de fevereiro de 1971, e já deixou encomendado o do dia 7 de fevereiro também. Ao voltar para o quarto pegou uma caneta e escreveu um bilhete: “Minha amada filha, estas são as notícias do Brasil e do mundo do dia

em que você nasceu”. E, no jornal do dia seguinte, fez a mesma coisa: escreveu o bilhete, dobrou os jornais e guardou em uma caixa de fotos. A mãe, por sua vez, também quis deixar um presente do anúncio da chegada da Roberta, e escreveu uma cartinha, narrando o quanto ela era esperada e querida.

Em 5 de julho de 1973, nasceu Junior, e, quando os pais acharam que não viriam mais filhos, vieram o Marcos, em 22 de agosto de 1978, e o Marcelo, em 10 de maio de 1980.

Como rege a tradição da família, todos os filhos ganharam de presente do pai dois jornais, o do dia e o do dia seguinte ao nascimento, sempre com um bilhetinho escrito à caneta. E da mãe, uma cartinha descrevendo o momento e as curiosidades de cada nascimento. Para a família, a chegada de um filho era sempre um grande anúncio.

Assim foi também com os netos, 12 ao total. Cada novo membro da família que nascia ganhava dois jornais do avô e mais dois do pai ou da mãe, além da cartinha da vovó.

Um dia, a família combinou em um almoço de domingo que todos levariam seus jornais para serem lidos juntos. Assim foi feito. Em meio às dezenas de jornais amarelados, de pais, filhos e netos, todos leram, riram e se emocionaram com a tradição: o anúncio que revitaliza os laços e valores de uma família que não para de crescer.

Milton Bigucci

CADEIRA 05 • PATRONO • LIMA BARRETO



André Chaves

É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 06, cujo patrono é Machado de Assis. Natural de São Caetano do Sul (SP), é bacharel, licenciado, mestre em História Social e doutorando em História Econômica, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Possui pós-graduação *lato sensu* em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura, pela mesma instituição, e MBA em Gestão de Academia de Ginástica, pelo Centro Universitário Internacional. Como poeta, publicou *Sem Primeiros Poemas* (2002), *Lençóis que Exalam Poemas de Amor* (2007), *Dez anos depois...* (2017) e *A razão em mim* (2019). Em narrativa, é autor de *Contos Natalinos – Tempos de São Caetano* (2016), *Isaac Schutemberg e os segredos da Ditadura Militar* (2015) e *Isaac Schutemberg e os segredos do Nazismo* (2018). Na área de Historiografia, tem publicados: *São Luís Scrosoppi – Bicentenário de seu nascimento* (2004); *A Revista da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro – Uma proposta para a Identidade Jurídica Nacional Brasileira* (2015); *As relações de trabalho no Brasil – História e Reflexões* (2010); *Unimed 40 anos: Idealismo, conhecimento e solicitude na tradição médica de Botucatu* (2011); e *Unimed FESP - 40 anos de História e Evolução Contínua* (2011). Em Gestão de Pessoas, publicou *20 Lições de liderança cristã e sucesso da equipe de trabalho* (2014).

Um dia nublado em Terra Alta

Para todas las mujeres valientes
de ayer, hoy y mañana.

— **¡MANTENTE AGACHADO**, no muestres tu cabeza al enemigo, todos podremos convertirnos en un blanco fácil para las granadas!

Difícil seguir a ordem, conservar-se equilibrada na trincheira - fosso pouco mais largo que os ombros, não alto como um homem, em curvas que surpreendiam ao revelar sua extensão aos combatentes que chegavam. Amundiçada pela chuva outonal da madrugada anterior, a lama de barro e greda tornava escorregadia a trilha por todos os lados. Suas convicções lhe davam o brio necessário para continuar a caminhada incomum.

Carregava marmitas atadas por tecidos brancos que formavam trouxas, uma em cada mão. Usava os cotovelos nas paredes lodosas para compensar os escorregões. Quando ensaiava esmorecer, lembrava das palavras de um camarada: “Nossa certeza no ideal cria nossa coragem; a bondade em nosso coração, a vitória!”. Por essa razão aceitou a missão, deveria cumpri-la de maneira exemplar; recompunha-se e seguia.

No mapa de campo que usou para se instruir, não parecia longe, mas os assobios dos projéteis sobre a cabeça, os passos curtos e lentos, tornavam a *Primera Línea de Fuego*, o objetivo de sua missão, um local distante.

Veza por outra era empurrada por soldados em movimentação, que passavam ligeiro para encontrar melhor posição de tiro, socorrer um ferido ou ajudar em uma lacuna fragilizada no limite da defesa. Aceitava calada as condições desumanas da jornada, não perdia a postura íntegra do espírito ao sentir a dor da pele ferida com ranhuras e a fetidez intermitente.

As duas mulheres chegaram a uma abertura maior da vala, coberta de redes com folhagem, onde se iniciava um túnel perpendicular, largo o suficiente para acomodar, de um lado e outro, os soldados do Exército Popular da República. Cada militar, profissional ou voluntário, teria direito a uma porção, aguardada desde a manhã do dia anterior.

— *Una lonchera para cada hombre...* Determinou a senhora Isabel Alonso, na firmeza de um comandante, sem sê-lo, apenas voluntária que era; de uma mãe, sem sê-la, perdera uma filha logo no início da guerra, por um tiro anônimo do inimigo.

Abriam as latas com o cuidado dos homens letrados e a vontade dos animais famintos; começaram a comer em silêncio, era o dever. Água para os cantis veio mais cedo, de outra parte: meninos os serviram através de garrafas de couro, cheias d'água pura, abastecidas nas perigosas margens do Rio Ebro.

Joana ficou na entrada, diante de Isabel Alonso, a fitar alguns homens que tentavam garantir a alimentação dos companheiros arriscando-se no combate sincero. Escutou palavras francesas que não entendeu, mas observou insatisfação na réplica da senhora à sua frente:

— *¡ Callaos la boca! ¡Las mujeres no somos presa fácil! Somos soldados como tú, luchando contra los demonios fascistas!*

— *Et elle, d'où vient cette belle demoiselle, vêtue de cette tenue colorée?*

— *Ella es brasileña y viene a ayudarnos...*

Antes que completasse seus pensamentos, foi interrompida pelo mesmo gaulês:

— *Cette guerre est perdue, elle est venue mourir pour rien.*

A jovem não entendeu exatamente a afirmação, mas foi suficiente para erguer o dedo indicador:

— Sou brasileira devidamente escrita como voluntária nas Brigadas Internacionais. Não sou comunista ou anarquista, mas em minhas veias corre o sangue da justiça e

da igualdade. Vocês homens pensam que eu não estou preparada para me casar aos 15 anos, mas vou mostrar a que estou preparada!

Pegou um rifle que descansava ao lado de seu portador, que também devorava a mínima refeição; subiu ligeiro os degraus de uma escadaria de madeira e encontrou a melhor posição para começar a atirar contra os soldados de Franco. A força do recuo da espingarda não a incomodava, tampouco conseguia derrubá-la, apenas lhe avisava que era momento de engatilhar a arma para novo tiro. Impressionante foi sua precisão: derrubava um a um sem erro.

Enquanto Isabel Alonso observava atônita a situação, um oficial postado em outra escada segurava um binóculo e passou a orientar a atiradora:

— *Left, fifteen degrees...* Um estampido. — *Right, ten degrees...* Outro estampido. — *Right, five more degrees...* Seguiram-se mais e mais tiros.

Recarregou o rifle e continuou a atirar, foi o tempo suficiente para que os homens terminassem a pausa, devolvessem as marmitas vazias a Isabel Alonso e se colocassem novamente em seus postos. Aquela iniciativa de bravura sem precedentes os fez comer um pouco mais lento, o suficiente para que pudessem imaginar os amores que a vida lhes trouxe, da família aos amigos e amantes; traduziram agradecimentos em olhares meigos e continências firmes.

Após devolver o fuzil com o cano quente, ela encarou Isabel Alonso, que reagiu com a mesma humildade, entregou-lhe as trouxas de marmitas vazias e deu a ordem:

— *¡Vamos!*

Fizeram o caminho de volta, um pouco menos fatigante, com o peso mais leve e satisfação pelo cumprimento da missão.

No alojamento, a vez de suas refeições foi permitida depois de lavados todos os alumínio. Joana limitou-se

a algumas garfadas, não era nojo, mas angústia. Empurrou o prato para o lado, trouxe para sua frente uma folha de papel que conseguira com a colega de quarto, tão alva quanto a alma. Deixou que fosse preenchida com palavras imediatas, vindas de seus mais profundos sentimentos:

“La Poble de Massaluça, 30 de julho de 1938.

Querido pai, amada mãe:

Entristece-me as lembranças, mais que a distância, porque as colinas intermitentes desse lado do planeta estão cortadas por tropas, ora do povo, ora dos ricos e poderosos, em movimentos lentos, o que me impede de estacionar um instantinho para um telegrama. Então a memória me traz as imagens mais felizes da minha existência, e vocês sempre aparecem nelas. Assim, não fugi para alistar-me informalmente no lado bom dessa guerra civil tão distante. Minha vinda não proporciona fama, indaga apenas o motivo pelo qual, em sã e livre consciência, tento entender o motivo pelo qual existo.

Pelo mesmo motivo, creio eu, andarilhos de muitos países e domínios coloniais afluíram para a Espanha. Eram considerados sonhadores, idiotas, comunistas, malfeitores, anarquistas — os piores — e todo tipo de desequilibrados mentais. Ao cabo de quase dois anos e meio, esse recanto do mundo foi movimentado por todo tipo de idealistas, unidos pela causa da democracia. Uns lutam desde o início, outros por aqui deixaram a luta tragicamente e foram recebidos por Deus no paraíso, muitos não aguentam as hostilidades e retornam aos seus lares com sentimento de derrota. Sinto todos eles em meu coração: parte quer que eu volte para a segurança da casa em que cresci, parte deseja que fique, mas teme o pior.

Pode ser que Franco vença as batalhas e tome o poder em Madrid, implante um regime totalitário que o faça ocupar o lugar antes destinado apenas a Deus, determinando quem pode ou não viver em seu domínio chamado Espanha. Não importa quanto tempo levará, o fascismo será destruído porque ele tenta se apoderar ou aniquilar aquilo que as pessoas têm de melhor: o sentimento de humanidade. Quando os apoiadores do generalíssimo perceberem

que deixaram de ser livres para realizar os sonhos de suas existências, tornando-se marionetes de um tirano desatinado, apegar-se-ão à sensibilidade que lhes sobrou e lutarão com todas as forças pelos seus filhos, pela democracia, única forma de existir justiça social e vida plena para todos.

Mesmo diante de tantas mortes, aqui a vida faz mais sentido, um bendito ideal pelo qual lutar, pessoas por quem faço a diferença.

Medo, essa emoção inútil, repousa sobre mim apenas na possibilidade real de nunca mais nos abraçarmos. Tento sobreviver no presente, um dia de cada vez, mas entendendo que Deus adianta o chamado dos bravos para seu convívio.

Caso queiram escrever uma resposta a esta tímida confissão, o paradeiro desse município é Comarca de Terra Alta, Cataluña, Tercera Brigada Mixta.

Com infinito amor, sua Joana.”

Há tempos não escrevia solta e franca, nem em seus diários, queimados antes de deixar o Brasil. Por caridade e em silêncio, Isabel Alonso recolheu os utensílios usados pela jovem, levou a comedida porção quase intocada, evitou interromper as contendas pelas quais a jovem estava emersa, entre suas inúmeras dúvidas e raras certezas.

Joana ergueu-se, as mãos dobravam com delicadeza a folha solitária; encontrou o *Oficial de Correos*, que lhe ofereceu um envelope; com a mesma caneta, única disponível naquele albergue improvisado, escreveu os nomes das duas pessoas que lhe eram mais queridas na vida como destinatários. Com profundo suspiro entregou-lhe a carta, a expectativa era que chegasse, em um dia ensolarado, ao Rio de Janeiro, a capital mais linda, com o povo mais alegre, dócil e submisso do mundo.



Ana Maria Stoppa

@escritora_ana_stoppa

Escritora, advogada e ativista cultural, a ítalo-brasileira Ana Stoppa (nome literário) é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2017, ocupando a Cadeira 09, cujo patrono é Rinaldo Gissoni. Faz parte, como Acadêmica, da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro (ANLPPB) e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências “A Palavra do Século 21” (Alpas21). É vice-presidente do Rotary Club Santo André 8 de abril (Gestão 2023/24). Participante de várias antologias, com cerca de 30 livros publicados, sendo a maioria direcionada ao público infantil, dentre eles: *Lelé, o Navegador dos Sonhos* (2015); *Rafael, o Ursinho Guloso* (2015); *A Fada Mirabela e o Sapo Guaraci* (2017); *Fada Verbena, a Defensora da Natureza* (2017); e *Cristal, a Corujinha Cantora* (2016). Na categoria poesia, já publicou: *Diagnóstico* (1988) e *O Silêncio dos Porta-Retratos* (2012). Em italiano, tem publicadas e traduzidas diversas obras, como as poesias *Mosaici di Sapienza* e *Il Silenzio Dei Porta Rittrati*, e os infantis *Lelé I Navigatore Dei Sogni*, *Rafael L’Orsetto Goloso*, *La Fata Mirabela e Il Rospo Guaraci*, *Stella L’Anatra Bella* e *Verbena La Fara Difensora Della Natura*. Detentora de vários prêmios conquistados no Brasil e na Itália, é autora do *Projeto Voluntário para Incentivar a Leitura*, criado em 2012, que até junho de 2023, já havia distribuído, gratuitamente, cerca de 85 mil livros.

A menina e os vagalumes

POBRE MENINA, campeava o amor feito vagalumes quando procuram a noite para mostrar o brilho. Árduos caminhos, inúmeras indagações, madrugadas solitárias, vazio, paredes silenciosas emolduravam seus dias.

Queria tanto gritar ao mundo que existia, que estava ali esperando a mão amiga, o abraço fraterno, a solidariedade, um sorriso, talvez. Mas os seus dias pontilhados de angústia desconheciam tais sentimentos.

Culpa da vida que lhe emprestara a máscara do riso tão perfeita que nem mesmo os mais habilidosos dos mortais conseguiria visualizar a tristeza, a carência, a solidão...

Culpa da vida que lhe emprestara a segurança aparente, a altivez no falar, a firmeza no decidir, o bom senso acima dos sentimentos que pudessem descortinar sua fragilidade.

Vestia-se de alegria, cantava a felicidade, desenhava o amor, aplaudia a paixão, sem, no entanto, provar estas sensações. Descuidada, acabou abrindo as janelas da esperança, há muito emperradas em razão do desuso.

Acordou na primavera. Ruas floridas, sol a brilhar, pessoas felizes caminhando de mãos dadas, crianças brincando e o amor fazendo ciranda sob o ritmo da paz. Amedrontada, ousou deixar a máscara na mesinha lateral, saiu de cara nua, peito aberto. Misturou-se à multidão, na esperança de encontrar o amor. Nem pedia muito, bastaria um demorado abraço sincero.

Em meio à multidão sentiu-se ignorada, entre rostos opacos, semblantes desfigurados, pessoas indiferentes. Precisava da máscara do riso para suportar as lágrimas que brotaram aos borbotões de sua alma.

Quando se preparava para retornar ao casulo, sentiu nos ombros o toque da mão amiga. Virou-se delicadamente quando um par de olhos, aparentemente inocentes, a fitavam. Estendeu os braços, pediu um abraço, procurou abrigo, precisava de colo.

Abriu o coração de tal forma que se desconheceu e, sem pensar, deixou nascer no peito a frágil planta da ternura. Em tão poucas luas assistiu feliz a transformação da realidade, acreditou no amor, teceu planos, sepultou os desenganos.

Entregou a alma nua por inteiro e, nos braços do primeiro amor, vivenciou o afeto, a paz e o carinho que tanto buscara, experimentando a fugaz felicidade.

Passados alguns dias, a serenidade encolheu feito lua minguante. Decepcionante. Um gesto, uma palavra, a desconfiança. Lamentavelmente, as pessoas não estão habituadas a serem bem tratadas.

Despida da máscara do riso, entregue de alma nua, ouviu o grito da realidade. Sua bondade fora taxada de vulgaridade, havia se exposto demais, por conta da carência afetiva.

Na calada da noite provou o sal das densas lágrimas, mal conseguia caminhar. Com resquícios de forças, despediu-se do amor, cerrou as janelas, vestiu em definitivo a máscara do riso, secou de vez todas as lágrimas, estampou

no andar a segurança própria das pessoas indiferentes.

Como último gesto, apagou uma a uma, as luzes dos
vagalumes...

Ana Stoppa

CADEIRA 09 • PATRONO • RINALDO GISSONI



José Bueno Lima

@jblima37

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 14, cujo patrono é Álvares de Azevedo. Brasileiro, é viúvo de Iara Balieiro Lima, com quem teve quatro filhos: José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe. Nascido em Santo André (SP), no dia 27 de dezembro de 1937, é filho de Antônio e Adelina Lima. Advogado, foi procurador-chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo (atualmente aposentado), e é escritor. Publicou três livros: *Um Passado Sempre Presente* (2010), *Como Se Fosse Hoje* (2010) e *Crônicas e Contos de Um Saudosista* (2012).

Auf Wiedersehen

I

ASSIM QUE DESCEU DO TAXI e retirou suas malas, Everardo notou a casa como que abandonada. Há já um bom tempo, pelo jeito. As janelas cerradas, com aspecto sujo. A porta, igualmente empoeirada, tinha seu rodapé cheio de folhas secas, demonstrando não ser aberta há longa data. Nenhum vestígio de estar habitada. Ficava num bairro de classe média da capital de São Paulo, na Saúde.

Tudo aconteceu há quase um ano. Executivo de uma multinacional, Everardo chegara a esse posto galgando degrau por degrau. Começou como simples escriturário, no setor de compras, nem bem havia completado 18 anos. Inteligente, e mais que isso, voluntarioso, demonstrava grande interesse em aprender tudo o que lhe fosse útil, para bem exercer suas funções. Assim, angariou a simpatia de seus superiores. E foi crescendo na empresa. Supervisor, chefe, assessor da diretoria e, finalmente, conquistou um cargo de diretor de Relações Industriais, com todo merecimento. Além de respeitado como profissional, detentor de diversos cursos na área industrial, sempre teve um procedimento muito simples, tratando seus subordinados com muito carinho, sem nunca perder a autoridade. Ademais, como a matriz da empresa se situava na Alemanha, a cada mês, mês e meio, havia necessidade de para lá viajar. Mais precisamente para Hamburgo.

Paralelamente, a vida social de Everardo se modificou de forma total. Sua posição, como executivo, o obrigava a frequentar a sociedade, comparecendo a jantares, festas, coquetéis e outros eventos.

Vindo de família simples, e tendo se casado com uma mulher de mesmo nível, vinda do interior, como ele, e não acostumada a participar desse tipo de eventos, ele sempre comparecia aos mesmos desacompanhado.

Com 25 anos, boa aparência, simpático, bem-posto profissionalmente, não foi difícil despertar o interesse do sexo feminino. Passou a ser assediado, tanto pelas mulheres que faziam parte da empresa, e, mais ainda, pelas que participavam das comemorações em que ele se fazia presente.

Everardo resistiu por um bom tempo. Pensava na mulher, fiel companheira, no filho. Tinha uma vida feliz.

Chegou um momento, todavia, em que a fortaleza sucumbiu. Pois não eram somente os anticorpos que possuía para se defender do ataque das interessadas que o deixavam incólume. Deve-se levar em conta, também, o orgulho de demonstrar sua masculinidade. Nenhum homem deseja ser apontado como aquele que desprezou uma mulher. Pura vaidade!

Diva, sua mulher, inerte, assistia a tudo. Simplória, sua única razão de viver era cuidar do filho, Marcelo, de apenas 2 aninhos, do marido, e dos afazeres domésticos. Esse era o seu mundo. Tinha seus predicados, era uma moça bonita. Entretanto, com nada se importava.

II

Num dos eventos promovidos pela empresa, veio da Alemanha um grupo de executivos, chefiado pelo presidente, que aproveitou para trazer esposa e filha.

Herta era uma dessas loiras estonteantes. Corpo escultural, olhos azuis, lábios carnudos, 1,72m de altura, 22 anos. Na recepção de boas-vindas, no hotel mais chique de São Paulo, sem dúvida, ela foi o centro das atenções. Durante as formalidades de apresentação, o encontro dos olhares da moça com os de Everardo foi fulminante. Aquele fluido que nasce espontâneo, quando há a atração entre dois seres, veio com um vigor tão forte, impossível de ser reprimido.

Foram 15 dias de intensa paixão. Almoços, jantares, cinema, teatro e, inclusive, motéis. Everardo esqueceu, até, de que era um homem casado. Somente aparecia em sua casa para dormir.

A situação chegou a tal ponto que até Diva, sempre cordata, nunca reclamando, não aguentou! Explodiu!

— Everardo, a vida desse jeito não pode continuar! Estou sendo um simples objeto para você! Não liga mais nem para seu filho. O que está acontecendo?

Everardo, então, se abriu.

— Estou apaixonado por outra mulher! Aconteceu, não pude evitar. Acho melhor revermos nosso casamento. Não consigo ficar mais aqui. Vamos nos separar.

Propôs o divórcio. Estou sendo transferido para a Alemanha, para a matriz da empresa. Dentro de poucos dias estarei longe daqui. Diva não concordou! Nada de divórcio. Se quisesse ir embora, que fosse. Mas jamais assinaria qualquer papel.

—Tudo bem, então!

Dito e feito. Logo estava ele em Hamburgo. De mala e cuia, como diz o ditado. Diva, abandonada, sem ter como sustentar a casa, pois jamais havia trabalhado na vida, não teve outra saída, se não pedir socorro aos pais. E lá foi morar com eles, no interior.

III

Um mês se passou. Herta ficou grávida!

Assim que recebeu o veredicto do médico, ficou exultante!

— Querido! Uma novidade! Você vai ser pai!

Everardo vibrou! A notícia serviu para minorar, em parte, o sofrimento que ele vinha passando, desde que chegou a Hamburgo. Não era para menos. Sua origem, o país estranho, não dominar a língua, o clima, a somatória de tudo influía em sua pessoa, e, na realidade, não estava feliz. Outro ponto: o alemão, por natureza, é um povo frio. Herta não era daquelas mulheres de ficar fazendo carinho a todo instante. Tinha seu grupo de amigos, e era ali que apresentava estar à vontade. Então, Everardo sentia-se solitário.

A saudade do lar antigo, de Marcelo, o filho que havia deixado com apenas 2 aninhos. Jamais, nesse tempo de separação, teve qualquer notícia do menino. Será que ele sentia a ausência do pai?

Porém, o trabalho, a boa posição que ocupava na empresa, com ótima remuneração, fazia com que ele superasse os momentos de baixo astral.

O tempo, inexorável, foi passando. Dois, três, quatro meses...! Nove meses!

Até que Herta foi para a maternidade. Era chegada a hora!

— Não! Não pode ser meu filho! Em minha família, desde meus ancestrais, inexistiu qualquer membro que não seja branco!

Nos braços da enfermeira, lhe era apresentado um bebê muito bonito, forte, mas... negro, com cabelinho encaracolado! Uma graça de criança!

IV

Dias depois, Everardo ficou sabendo.

Herta, pouco antes de viajar para o Brasil, quando se conheceram, tivera um romance passageiro com um membro de uma equipe de futebol africana, que havia feito uma excursão pela Alemanha, sob patrocínio da empresa do pai.

Sua volta para o Brasil foi imediata!

José Bueno Lima

CADEIRA 14 • PATRONO • ÁLVARES DE AZEVEDO



Humberto Domingos Pastore

@humbertopastore

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, na qual ocupa a Cadeira 19, cujo patrono é Dom Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul (SP), no dia 7 de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, e em Teologia, pelo Instituto Diocese de Santo André, desenvolve trabalhos de assessoria de imprensa, edita o *Blog do Pastore* e apresenta o programa *Conexão ABC*, na TV Grande ABC. É autor dos livros: *Contador de Causos Urbanos* (2004); *Santa Rita de Cássia - A Padroeira do Pinheirinho* (2004); *Cônego Belisário - O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos* (2009); *Tadeu - O outro Judas* (2007); e *Lins - A saga de um líder sindical* (2010).

Os postes e as pequenas caixas que anunciam

NÃO SE ESPANTEM COM O TÍTULO! Em São Caetano do Sul, nos idos de 1960, vários postes de iluminação, na região central da cidade, irradiavam som musicais e traziam notícias. Se bem que, convenhamos, não se trata de algo tão estranho assim, já que na Bíblia encontramos a passagem de Mateus 10:27, a qual diz: “O que Eu vos digo aos ouvidos, pregai-o sobre os telhados”.

Não se tem ideia de nenhum seguidor de Jesus Cristo subindo nos telhados literalmente, mas todos entenderam que a mensagem de seus ensinamentos deveria ser levada avante.

Já a história dos postes com som de São Caetano do Sul está bem mais próxima de nós. Se bem que poucas pessoas ainda se lembram de que um dia eles existiram. Os alto-falantes foram novidade para uma época que precedeu a chegada, por exemplo, da saudosa Rádio Cacique, que funcionou no Clube Comercial, dentro do prédio do Cine Vitória e, mais tarde, na Rua Santa Catarina. Interessante é que locutores, como o famoso Astolfhi, que emprestava sua voz para os noticiários dos postes, se transferiram para a Cacique, logo que a emissora se instalou no município.

Um dos postes ficava defronte do Cine Max, e o outro na esquina das ruas Conde Francisco Matarazzo e He-loísa Pamplona, ambos próximos da estação rodoviária da cidade, que, naquela época, já aglutinava centenas de moradores a qualquer hora do dia.

Dos antigos postes com seus alto-falantes, passando pelas “Rádios Cacique” que, ao longo das últimas décadas, surgiram em todas as cidades brasileiras, damos um salto para a novidade que apareceu diante de mim na semana passada. Um amigo fez questão de me apresentar seu mais novo brinquedo adulto. Uma caixinha de cor escura, medindo algo em torno de uns sete, oito centímetros.

Caixinhas que emitem sons não são mais novidade. De imediato, nos vêm à mente as desaparecidas caixinhas de música de onde despertavam majestosas bailarinas. E claro, as caixinhas que abrigavam os aparelhos de rádio, inicialmente as que transmitiam a frequência AM, depois no híbrido AM e FM. Caixinhas maiores surgiram anunciando além de som, também as imagens. Quem já não se maravilhou, desde 1950, com os aparelhos de televisão?

Voltando à caixinha misteriosa do meu amigo, anuncio que ela tem um nome: Alexa. E chega a ser assustador, a princípio, já que descobri que ela consegue interagir com o ser humano. Sim, uma pequena máquina/caixa que conversa, responde, canta, declama e nos lê um livro.

Alexa é um sistema de inteligência artificial (IA) disponível nas caixinhas inteligentes. O software dessa IA possui a função de servir como uma ‘assistente virtual’, auxiliando o usuário em diferentes tarefas do nosso dia a dia, controlando objetos eletrônicos da casa e até se tornando o DJ de uma festa.

Cheio de orgulho, meu amigo explica que uma das funções dessas caixinhas é a possibilidade de controlar outros dispositivos inteligentes. Sincronizando via Wi-Fi, o usuário pode controlá-los tanto pelo aplicativo no celular, quanto por comando de voz. Desta forma o usuário sequer precisa se levantar da cama, pois com uma única ordem à Alexa é possível alterar a temperatura do ar-condicionado, preparar um café quente, ligar a máqui-

na de lavar, acender as luzes, acionar o dispenser com a ração do pet, e muito, muito mais.

Quando digo muito mais, é muito mais mesmo. Basta pedir e Alexa vai te apresentar as últimas notícias dos principais jornais. Quer saber sobre o tempo? Em segundos a resposta vai chegar. A caixinha também vai te lembrar dos recados, compromissos e datas especiais que não podem ser esquecidas. Está dirigindo e quer saber a melhor rota, como está o trânsito das rodovias? Não tem problema, Alexa vai trazer a informação que você precisa.

Meu amigo, pra deixar claro que sua caixinha não brinca em serviço, lançou a pergunta: “Quem é Humberto Pastore?”, e de imediato, ela respondeu: “Jornalista, tem um blog e é apresentador”. Não contente, meu amigo me disse: “Quer ver uma coisa? - Alexa quero ouvir Frank Sinatra”, e em seguida estava o *The Voice* cantando para nós.

O ato de anunciar é constante, seja de cima do telhado, no alto-falante do antigo poste ou na caixinha de onde Alexa domina o mundo.

Humberto Domingos Pastore

CADEIRA 19 • PATRONO • DOM AQUINO CORREA



Sérgio Augusto Alonso Ballaminut

@sergioballaminut

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Nasceu em 16 de junho de 1975, em São Caetano do Sul (SP). Bacharel em Administração de Empresas e especialista em Finanças, diplomou-se também em Produção e Gestão Cultural. Foi membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul de 2013 a 2016, tendo atuado, por meio de funções consultivas, deliberativas e normativas, em trabalhos culturais e serviços prestados à Historiografia de São Caetano do Sul e da região do Grande ABC. Poeta e escritor, escreve desde 1990, contando com vasto acervo poético. Participou de antologias literárias (*A Forja da Liberdade, Paixão e Amor na Literatura, A Árvore da Vida, Best Seller 2004 e Idiossincrasias*), livros (*Cantos e Recantos e Cúmplices da Poesia*) e revistas (*Raízes*, números 30 e 47). Publicou cinco livros de poesia: *Os Poetas do Meu Canto* (2012), *Poesia em Quatro Atos* (2014), *A Flor de Minas e a Janela dos Dias* (2015), *Alma de Mim* (2016) e *Fazendeiro do Tempo, Mensageiro do Ar* (2020). Escreveu, também, alguns contos, tendo editado um em antologia (*Contos Cotidianos*).

O pacote

CARLOS ERA UMA DESSAS PESSOAS viciadas em compras virtuais. Não passava semana sem que não crescesse a fatura mensal do seu pobre cartão de crédito. Comprava de tudo na rede, à exceção, tão somente, de roupas e calçados, que achava por bem experimentar antes, uma vez que considerava suas medidas um tanto “fora de padrão”. Como residia em apartamento, a portaria do edifício era, com frequência, surpreendida por entregas a ele destinadas. No mais das vezes, eram livros e, principalmente, mídias de áudio e vídeo. Carlos adorava ouvir música, sobretudo popular, bem como assistir a bons filmes de suspense. Era um colecionador inveterado, tanto que quase já não dispunha mais de espaço para guardar os produtos de seus *hobbies*. Atento que era, não perdia lançamento algum que lhe aprouvesse, sobretudo quando se tratava de novo álbum de um dos ídolos seus. Fora isso, quando via o anúncio de uma promoção de mídias que lhe eram de interesse, ficava louco.

De filiação desconhecida, Carlos Romão fora, desde o primeiro ano de vida, criado por pais adotivos. Era filho único. Sempre introspectivo, era de pouco falar e tendia ao isolamento e a se refugiar entre as paredes de seu quarto. Os pais achavam normal aquele comportamento, tendo em vista a situação de abandono pela qual passara após o nascimento, não obstante seu coração fosse livre de qualquer sentimento menos nobre. Tanto que, mesmo ao saber de sua realidade, em momento algum sentiu raiva de seus pais biológicos. Tinha claro em mente que, se assim foi, tiveram justa razão para fazê-lo. E foi tocando a vida em frente sem nem se preocupar.

Naturalmente, Carlos contava com poucos amigos, embora já se relacionasse bem melhor com as pessoas porque, ao longo de tantos anos, foi conseguindo gerenciar um pouco o excesso de timidez. Não falava com a maioria de seus vizinhos. Alguns nem conhecia. Uma das raras exceções, e talvez a maior, era Dona Lúcia, com quem ele, diferentemente do que ocorria com outras pessoas, sentia-se mais à vontade. Fazia-lhe bem aquele convívio por, em certos momentos difíceis, suprir-lhe a ausência doída das almas boas que o criaram, as quais já não habitavam este mundo havia anos.

Vários meses se passaram. Dezembro chegou trazendo típicas novidades do mundo das mídias digitais. Não poucas, por sinal. E Carlos, naturalmente, não demorou a fazer o “pedido de Natal”, como ele costumava dizer para si mesmo para tentar diminuir seu sentimento de culpa em relação ao gasto acima da média. Era o duelo que travavam entre si sua razão e compulsão, que sempre acabava vitoriosa. Em alguns dias, poderia se deleitar aos novos sons de seus cantores prediletos. Com a ansiedade de sempre, aguardava pela entrega. E o prazo estabelecido pela empresa foi transcorrendo, muito embora raras vezes chegasse a decorrer inteiro. Na véspera da data prevista, Carlos, o qual, já de férias, descansava após o almoço, foi despertado pelo toque da campainha. “Mas quem poderia ser àquela hora?” – perguntou-se, sonolento. E levantou-se para atender à porta.

Carlos morava em modesto apartamento com pequena sala, cozinha, banheiro e dois quartos relativamente maiores, um dos quais adaptara para escritório. No imóvel, havia dois acessos, o social e o de serviço. Ao toque da campainha, pela força do hábito, dirigiu-se diretamente à entrada social, mas não havia ninguém. Então, seguiu para a de serviço. Perguntou quem era, mas não ouviu resposta. Abriu a porta mesmo assim. Igualmente, ninguém. Porém, para a sua surpresa, tinham lhe deixado

um pacote sobre o tapete. Caixa pequena, quadrada, de 20 centímetros de aresta, aproximadamente, com um envelope afixado. Ora, sem perder tempo, tomou em suas mãos o embrulho, levando-o para dentro e colocando-o sobre a mesa da cozinha. Foi logo abrindo a carta, que dizia:

“Filho querido, finalmente, depois de passados mais de 40 anos de intensa procura, seu pai e eu conseguimos descobrir seu paradeiro, pois conhecíamos seu nome de batismo, muito embora houvesse homônimos que se levar em conta. Na caixa, algumas poucas lembranças suas de recém-nascido: uma foto amarelada, mas colorida, de você na maternidade e uma singela joia de família que foi presenteadada por sua madrinha, que muito nos ajudou na busca por você, até que, achando-o, tornou-se sua vizinha e, com algum tempo, amiga - Dona Lúcia, como a costuma chamar - , por meio de quem fiz chegar esta caixa até você. Temos muito a conversar, e seu pai e eu esperamos contar com sua compreensão para tal. Encontramo-nos muito próximos de você. Só esperávamos o melhor momento para fazer nossa aparição. Com carinho, seus pais que o amam e sempre amaram muito.”

Pego de supetão pelo conteúdo da carta e do volume, Carlos chorava, chorava, como nunca houvera feito antes. Estava muito emocionado e feliz por saber que Dona Lúcia era, mais que amiga, sua madrinha e, principalmente, pela perspectiva de realizar aquele que sempre fora seu grande sonho por tantos anos acalentado: conhecer seus pais biológicos. Seu “pedido de Natal” havia chegado.



Alcidéa Miguel

@alcideamiguel

Formada em Artes e Música e pós-graduada em Arte, Educação e Cultura, é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 25, cujo patrono é Vinicius de Moraes. Integra, também, a Academia de Letras e Artes da Praia Grande, onde ocupa a Cadeira 16, e a Academia Internacional de Literatura Brasileira (Cadeira 563). Atua como professora, musicista, apresentadora de programas de rádio e TV, atriz, modelo, palestrante, e é embaixadora da cultura e escritora afro-brasileira. Participou de mais de 40 antologias no Brasil, na Argentina e em Portugal; possui 11 livros publicados nos gêneros: romance, poesia, contos e crônicas, para o leitor adulto e infantil. Suas últimas publicações são: *O diário dos meus crespos versáteis* (2021), *Um amor feito tatuagem* (2020) e *Histórias que ouvi e vivenciei* (2023).

A verdade em fatos e fotos

APÓS DIAS INCRÍVEIS VIVIDOS NO PASSEIO com destino a Israel, Jordânia e Dubai, o qual durou 12 dias, as educadoras Ivete e Dinha sentaram juntas no voo de retorno - Dubai a Guarulhos (SP). Aproveitaram a oportunidade para se conhecerem melhor. No decorrer da conversa, ambas compartilharam as alegrias e adversidades da vida. Ivete, estatura média, morena clara, 50 anos, disse que doou o tempo todo da sua vida à família e havia se esquecido de si. Por isso resolvera presentear-se com aquela peregrinação.

Espontaneamente, Dinha comentou que o seu esposo não viera por motivos de trabalho e perguntou:

— E o seu, por que não veio?

Ivete desculpou-se; e quando Dinha olhou-a, estava chorando. Entre soluços, fez um pequeno relato da sua vida: faltavam dois anos para se aposentar e, para ela, cumprir a jornada pedagógica era exercer o sacerdócio. Dobrava turno trabalhando nos períodos da manhã e tarde em uma escola estadual em Niterói (RJ). Lá seus filhos cursaram a educação básica. Mãe realizada com o desempenho dos filhos nas áreas profissional e afetiva: Pedro, com 24 anos (advogado), e Paulo, com 26 (biólogo), noivo de Wilma. Por outro lado, seu esposo, Fernando, de 53 anos, afrodescendente, taxista, usava o carro que Ivete havia financiado. A diretora de cadeira efetiva havia completado 30 anos de matrimônio e bancava a maioria das despesas da casa. Sua aparência era de mulher cansada; almejava atenção do marido, mas ele pouco a percebia.

Fernando se dividia entre o trabalho e as horas no bar da esquina bebendo goles de cachaça e jogando dominó com os colegas. Enquanto ela, sem faxineira, dava conta da casa. Os rapazes ajudavam na limpeza, mas, aos finais de semana, ela a reorganizava, visitava familiares, mas, sempre solitária porque seu esposo, sempre envolvido em outras programações, não demonstrava perspectivas de companheirismo.

Na escola, no início do ano letivo, o movimento da secretaria era intenso porque os alunos levavam os formulários para preencher e carimbar, para usufruir da gratuidade no transporte público. A secretária ficava sobrecarregada no atendimento, por isso os demais funcionários a auxiliavam, inclusive na direção.

Certo dia, Ivete estava ajudando a preencher os formulários, quando uma aluna do 4º ano do ensino fundamental trouxe a certidão de nascimento para completá-los. Ela notou que o nome do pai da menina era idêntico ao nome do seu marido: Fernando C. Almeida. Ela ficou um tanto indignada!

Pensou: Não! Não pode ser! Poderia ser homônimo? Pensou numa estratégia para tirar a dúvida. Dirigiu-se a menina e disse:

— Estela, não poderei te entregar carimbado hoje, porque você terá que trazer uma foto do seu pai.

Admirada, questionou: — Mas porque a foto do meu pai? Nunca precisou!

Ivete, um tanto embaraçada ainda tentou responder com firmeza:

— Sim, querida, é que para alguns alunos está sendo necessário, mas, devolveremos na mesma hora; será somente para atualização do sistema.

— Está bem Dona Ivete! Amanhã a trarei.

Ansiosa para que o amanhã chegasse, a fim de conferir esse fato por meio da foto, quase não dormiu naquela madrugada!

No dia seguinte, a aluna trouxe a referida foto, e quando Ivete a confrontou com o nome do pai da criança... Ah! Não teve mais dúvidas! Era ele mesmo, o seu esposo, pai dos seus filhos! O Fernando, taxista. O anúncio da verdade estava ali!

Estela era realmente a filha do seu esposo, irmã dos seus filhos. O segredo e a prova da traição extraconjugal! O susto da diretora foi tão grande que emudeceu, desmaiando ao chão!

Toda escola se movimentou. Alguns vieram socorrê-la, enquanto outros tiraram Estela da secretaria, e a conduziram para a classe, para que ela não percebesse nada. Ivete foi conduzida ao hospital para ser medicada e, após oito horas em observação, teve alta. Chegando em casa, ainda sob o efeito dos remédios, dormiu até o dia seguinte.

Quando acordou, Fernando já havia saído com o taxi, mas seus filhos estavam em casa, tomando café para irem ao trabalho. Levaram-lhe o café na cama porque sabiam que estava enferma e perguntaram: — O que aconteceu?

Ela contou-lhes o ocorrido. Os rapazes choraram bastante; ficaram perplexos e quiseram conhecer a menina por meio da fotografia. Fitavam-na, balançavam a cabeça negativamente. Paulo, o filho mais velho, perguntou-lhe, afirmando ao mesmo tempo:

— Mãe, você não vai mais aceitar o papai aqui em casa morando com você, né?! Temos de mandá-lo embora daqui. Chega! Ele já aprontou demais!

Enquanto Pedro replicou: — Não mano! Não podemos agir assim com o pai! Ele mentiu para nós nesses

anos todos. É horrível o que ele está fazendo, mas não podemos expulsá-lo daqui. Ele vai morar na rua?

Paulo voltou com a palavra, perguntando para a mãe: — Mãe, o que você pensou em fazer? Te apoiarei em quaisquer das decisões.

— Vou pensar filhos. Conversar com ele primeiro para senti-lo e depois resolver.

Ela estava como que sem chão para pisar. Tudo parecia um sonho! Quando ele chegou para o almoço, ela mostrou a foto da Estela, e perguntou a ele: — Você conhece essa criança?

Ele ficou bem vermelho! Estava em pé e, rapidamente, sentou-se no sofá respondendo: — Sim, é a filhinha de uns clientes do meu taxi.

— Ah sim, Fernando! Ela é aluna lá da escola. Pedimos a foto do pai dela para colocar no cadastro e ela trouxe a sua foto.

— Não! Deve estar havendo algum engano! - respondeu Fernando, com nervosismo e inquietação.

— Esta é a hora da verdade, chega de mentiras, homem! - e Ivete caiu aos prantos.

Ele, também chorando, clamou pelo seu perdão. Confessou que, há dez anos, havia caído no erro de se envolver com a mãe da Estela. Ainda disse:

— O que veio de bom foi a menina. Me senti na responsabilidade de assumir a paternidade porque a criança não teve culpa por ter nascido! Sofri muito nesses anos todos para manter o meu silêncio, ocultando a verdade de você. Tentei te contar por muitas vezes, mas me faltou coragem! Minha escolha sempre foi você! Por isso estou aqui! Por favor, me perdoe! Pode conferir, querida! A prova disto é que a mãe da Estelinha tem outro matrimônio há muito tempo! — continuou.

O silêncio encheu a sala, só se ouviam os soluços.

Após muitas conversas entre eles, Ivete decidiu viajar. E, quando relatou o fato para a colega Dinha, no avião, ainda não havia decidido se permaneceria em casa ou não. Sentia uma profunda dor.

Hoje não sabemos o desfecho da história desta família, mas é patente que a verdade revolucionária. Muitas vezes fica escondida, mas, em certo momento se revelará.

Sua exposição é necessária. O melhor é sempre escolhê-la! Mesmo que a aparição dos fatos verídicos traga a dor, é certo que a libertação virá.

História verídica com detalhes fictícios.

Alcidéa Miguel

CADEIRA 25 • PATRONO • VINICIUS DE MORAIS



Eva Bueno Marques

@evabuenomarques

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde junho de 1983, ocupa a Cadeira 26, cujo patrono é Cecília Meireles. Nasceu em Conceição da Aparecida (MG). Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas (MG), aposentou-se pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de Literatura, tendo participado de seminário sobre os 100 anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na Universidade de São Paulo (USP), com a filha e a neta da poetisa. Mestre de cerimônias em vários eventos e declamadora, já se apresentou em dois recitais de poesia em São Caetano do Sul (1994 e 2005). Tem artigos publicados em antologias e na revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, instituição na qual é membro do Conselho Diretor desde 1997. Além de artigos publicados em diversas edições da revista *Tamises*, editada pela Academia de Letras da Grande São Paulo, tem trabalhos em jornais da região e de cidades de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios. É membro suplente do Conselho Municipal de Cultura do município, na área de Literatura.

A flor do maracujá

DONA ALZIRA MENDES MORAVA com seus dois filhos em Belo Monte, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Para sustentá-los, passava os dias a trabalhar na sua máquina de costura Singer, já que ficara viúva jovem, devido a um acidente de carro que vitimara o marido. Mulher diligente e de integridade moral, educava os filhos com rédea curta e tudo fazia para que trilhassem o caminho do bem e tivessem um futuro próspero. A filha, Aurora, estudava no colégio de freiras, com uma bolsa de estudo parcial, conquistada após insistentes solicitações, e, nas horas vagas, ajudava a mãe nos acabamentos de costuras. O filho Alaor cursava o ensino médio em escola estadual, e, à tarde, trabalhava na Padaria São Geraldo, onde aprendera o ofício da panificação e confeitaria.

Dona Alzira contava sobre o parto difícil e doloroso de Aurora. A parteira quase desistiu após mais de dez horas de trabalho para trazer a criança ao mundo. A cidade, desprovida de recursos, contava apenas com um médico, que lá estava em alguns dias da semana e as gestantes recorriam à Dona Sinhaninha, uma parteira habilidosa e experiente. Não havia ultrassonografia na época, e o sexo só era revelado no momento do nascimento. Aurora só veio ao mundo nos primeiros minutos do dia, quando o

primeiro raio de sol iluminou o quarto. Quando Dona Alzira soube que era uma linda menina não teve dúvidas: a filha se chamaria Aurora, para que ela tivesse muitas alegrias e iluminasse a vida das pessoas que cruzassem o seu caminho, como aquele raio de sol que inundou o quarto no momento de seu nascimento.

Assim, Aurora foi crescendo com beleza, simpatia e educação. Inteligente, sempre alcançava as melhores notas no colégio. Requisitada para participar das festinhas na escola, aprendeu a cantar, atuar e declamar. Seu talento reverberou na cidade e sempre que organizavam qualquer evento, logo a convidavam, tanto que passou a gostar muito do que fazia tão bem.

A única diversão naquela pequena cidade era a pracinha da matriz com seu coreto, onde as músicas da época ecoavam através de alto-falantes. Os jovens passeavam ao redor da praça em direções opostas para trocar olhares e, assim, começavam muitos romances. Vários rapazes se interessavam pela bela Aurora, mas ela não correspondia ao interesse nem por Cassiano, que por ela se apaixonara. Para ela, era apenas um flerte e só conversavam quando ele a atendia no correio, pois lá trabalhava.

Quanta alegria quando a cidade escapava do marasmo durante as festas religiosas, com os leilões, banda de música e todas as pessoas que enchiam a praça, usualmente tão vazia! Tudo assumia um ar festivo e a juventude, em polvorosa, vestia as suas melhores roupas e aproveitava as noites divertidas.

Aurora continuava, cada vez mais, a colocar em prática seu dom de representar. Escreveu uma pequena peça de teatro que, com suas amigas, encenou no dia do aniversário da cidade. Foi tão aplaudida que, com esse estímulo, continuou a dar asas à sua imaginação. Escrevia poesias, alguns contos, e adorava criar as suas peças.

Assim, Aurora tornou-se a artista de Belo Monte, um orgulho para a sua mãe, Dona Alzira. Mas o que a vida

lhe traria, o que o destino lhe reservava?

Certo dia, Aurora voltava do colégio com as colegas quando ouviram uma música alta, vinda de um alto-falante, que se aproximava lentamente e elas perceberam que era um jipe velho, sem capota, anunciando a chegada de um circo na cidade. O motorista dirigia bem devagar e um menino saía do veículo com uns panfletos e ia entregando para as pessoas na rua. Aurora não imaginava que o anúncio em suas mãos iria mudar a sua vida. Dizia, em letras mimeografadas:

“Você quer espalhar, alegrar seu coração?

Esquecer de seus problemas, buscar uma distração?

Venha conhecer dia dez de abril

O Circo Teatro Terra Brasil!

Estreia nesta cidade, na praça do Fórum.”

Aurora apressou-se para chegar em casa e dar a notícia à sua mãe. No dia seguinte, toda a cidade estava sabendo da novidade e a semana foi longa para a ansiosa espera da estreia. Afinal, um acontecimento que quebraria a monotonia do lugar foi recebido com alegria, ainda mais por ser o primeiro “circo teatro” a chegar à região, em meados dos anos 1960. Até então, estavam acostumados a ver somente números circenses de picadeiro.

O movimento dos caminhões carregados, o barulho das ferramentas para erguer o mastro, acomodar a lona e montar as arquibancadas foram vistos e ouvidos por todos.

E o dia tão esperado chegou. O povo aglomerou-se na porta do circo e as filas avançavam rapidamente para a compra dos ingressos. As luzes piscando e a música alta alegravam a todos.

Aurora puxou a sua mãe pela mão para ficarem na primeira fila para apreciar melhor o espetáculo. Todos ocuparam os seus lugares e, após a execução do prefixo musical *Aquarela do Brasil*, começou a primeira parte, com apresentações de palhaços, acrobatas, malabaristas,

contorcionistas e mágicos. Depois do intervalo, as luzes se apagaram nas arquibancadas e se concentraram apenas no picadeiro, que, agora, com uma cortina vermelha, tornou-se o palco onde o teatro teria início.

A peça de estreia foi *A Flor do Maracujá*, uma representação bem ensaiada, com um figurino caprichado. As personagens maquiadas e o enredo carregado de trechos emocionantes fizeram Aurora chorar. Ela não tirou os olhos dos artistas, afinal representar era a sua paixão. Sua beleza e elegância chamaram a atenção de todos e, no final da peça, o palhaço Bem-me-quer, que agora se tornou o ator principal, jogou uma flor roxa e branca que tinha nas mãos para Aurora e disse que queria homenagear a moça mais bonita daquela noite. Aurora agradeceu com um sorriso e, em companhia da mãe, voltou para casa, pensando em cada parte daquela linda história que acabara de assistir. Não queria perder nenhuma peça que fossem encenar nos fins de semana. Combinou com as amigas e cada noite uma delas a acompanhou. Foi assim que Aurora assistiu a outras peças e se emocionou com *E o Céu Uniu Dois Corações*, *A Canção de Bernadete*, *Um Encontro Inesperado*, *Coração Apaixonado*, *Para esquecer um Grande Amor*, entre outras.

A cidade inteira comentava sobre as peças e sobre a emoção que sentiam pela brilhante apresentação dos artistas circenses nos enredos melodramáticos.

Uma tarde, na matinê, Bem-me-quer estava na bilheteria. Quando Aurora solicitou o ingresso, ele a fitou com um amplo sorriso e disse que para uma moça tão bela o ingresso seria um presente. Que belo rapaz aquele que, só agora, ela pôde ver de tão perto. Recebeu o ingresso, agradeceu com um sorriso e disse que estava encantada com as peças apresentadas no circo. Ele perguntou seu nome e, quando ela disse: “Aurora”, ele completou: “Você é o próprio Sol”. Perguntando a ele o seu nome de batismo, logo ouviu a resposta: “Meu nome é Juárez, mas todos aqui me chamam pelo nome do palhaço, Bem-me-quer”.

Assim, surgiu uma amizade entre os dois. Aurora contou a ele que sabia de cor a poesia da peça do primeiro dia - *Porque nasce roxa a flor do maracujá* -, que aprendera no colégio e que o autor era o poeta maranhense Catulo da Paixão Cearense, também autor da famosa música *Luar do Sertão*. Disse também que ela cantava e participava de peças quando havia festas na cidade. A afeição recíproca nascida entre ambos evoluiu a passos firmes em direção ao amor. Foi uma forte atração à primeira vista.

O circo ficou pouco mais de um mês em Belo Monte, mas quando foi para outra cidade próxima, Juarez visitava Aurora toda segunda-feira, dia da folga do circo. Dona Alzira não se conformava que sua filha não se interessou pelo rapaz do correio e foi logo se apaixonar pelo moço do circo, a quem ela nunca tinha visto. Pensava o que seria se o marido estivesse vivo. Como ela iria viver longe da filha? Ao mesmo tempo, queria vê-la feliz. Nesse impasse, acabou optando pela felicidade da jovem.

O namoro evoluiu e Aurora foi bem aceita na família circense. Os pais de Juarez, os donos do circo, Sr. Antônio e Dona Carlota, diziam que seu filho estava feliz com a escolha que havia feito, só temiam que a moça não se acostumasse com a vida itinerante e sem conforto que o circo oferecia. Vieram com o filho para o noivado e meses depois, no final do ano, assim que Aurora terminou o último ano de magistério, realizaram a bela cerimônia do casamento na igreja matriz de Belo Monte, numa segunda-feira ensolarada, para que todos pudessem assistir.

Aurora estava radiante com um vestido confeccionado com todo amor por sua mãe. Todos estavam muito contentes e partiram logo após a recepção oferecida aos familiares dos noivos.

Tempo de adaptação para Aurora, que foi morar num ônibus e, de cidade em cidade, foi conhecendo como era a vida no circo, as dificuldades que passou a enfrentar, as lutas diárias para a sobrevivência, a falta da mãe e do

irmão, a saudade das amigas, daquela vidinha pacata que ela tinha em Belo Monte, mas, por outro lado, tinha a ajuda de todos e o amor e carinho de Juarez, com quem vivia muito bem e se realizava como a artista que se tornou, encantando a todos.

Conforme promessa de Juarez à Dona Alzira, o circo ia uma vez ao ano para Belo Monte e quando não, Aurora visitava a mãe duas vezes ao mês. A família circense fez muita amizade em Belo Monte. Certa vez, numa noite de réveillon, em que o circo não fazia apresentação, o clube da cidade viu-se em apuros porque o conjunto que viria animar o baile não apareceu. Como todas as mesas estavam vendidas e o povo esperava ansioso a festa de passagem do ano, viu-se o presidente do clube obrigado a correr atrás do conjunto que animava o circo e, com prazer, foi atendido e fizeram uma grande festa com os músicos circenses. Por isso, com a obrigação que Belo Monte ficou devendo a eles, toda vez que o circo queria voltar à cidade, era muito bem recebido, sem nenhuma burocracia.

A cidade perdeu a sua artista, mas o circo ganhou uma estrela, porque, aos poucos, Aurora foi desempenhando os papéis nas peças e chegou a ser a protagonista, tal sua desenvoltura, talento, dedicação e ótima memória para decorar todas as falas. Além disso, chegou a escrever muitas peças. Ainda ajudava na confecção e conserto dos figurinos, pois aprendera esse ofício com a sua mãe.

Anualmente, quando o circo permanecia em Belo Monte, as sessões ficavam lotadas, pois todo mundo queria ver Aurora se apresentar. Era um sucesso total, principalmente quando ela declamava a poesia do Catulo, que ouviu no circo quando veio assistir pela primeira vez e que já sabia desde o colégio. Dava muita ênfase a cada verso, quando, em meio à peça, ela interpretava:

A Flor do Maracujá

Encontrando-me com um sertanejo,
Perto de um pé de maracujá,
Eu lhe perguntei:
Diga-me caro sertanejo,
Por que razão nasce branca e roxa,
A flor do maracujá?

Ah, pois então eu lhi conto,
A estória que ouvi contá,
A razão pro que nasci branca i roxa,
A frô do maracujá.
Maracujá já foi branco,
Eu posso inté lhe ajurá,
Mais branco qui caridadi,
Mais branco do que o luá.

Quando a frô brotava nele,
Lá pros cunfim do sertão,
Maracujá parecia,
Um ninho de argodão.
Mais um dia, há muito tempo,
Num meis que inté num mi alembro,
Si foi maio, si foi junho,
Si foi janeiro ou dezembro.

Nosso sinhô Jesus Cristo,
Foi condenado a morrê,
Numa cruiz crucificado,
Longe daqui como o quê,
Pregaro cristo a martelo,
E ao vê tamanha crueza,
A natureza inteirinha,
Pois-se a chorá di tristeza.

Chorava us campu,
As foia, as ribeira,
Sabiá tamém chorava,
Nos gaio a laranjera,
E havia junto da cruís,
Um pé de maracujá,
Carregadinho de frô,
Aos pé de nosso sinhô.

I o sangue de Jesus Cristo,
Sangui pisado de dô,
Nus pé du maracujá,
Tingia todas as frô,
Eis aqui seu moço,
A estória que eu vi contá,
A razão proque nasce branca i roxa,
A frô do maracujá!

Era aplaudida de pé e muito emocionada, agradecia à plateia. Em todas as cidades, a artista, tão admirada, era um sucesso que atraía o público.

Assim foi a vida de Aurora, tão inserida naquela rotina circense, ao lado de seu grande amor e realizada com a chegada de seu filho, apontado como o substituto do pai, futuramente. Bonito e inteligente como a mãe, talentoso como o pai, Bento era a alegria de todos no circo. O palhaço Bentinho fazia sucesso com a garotada.

Muitos artistas deixaram o circo e outros foram contratados, no decorrer de quase três décadas. Aurora era a diretora do teatro e ensaiava cada novo funcionário que chegava ao circo. Afinal, cada ator ou atriz tinha responsabilidade com o papel e obrigação de representá-lo bem.

Juarez, herdeiro dos pais, passou a comandar o circo, depois que perdeu seu pai e, por último, sua mãe, já idosos, por morte natural.

O casal de artistas Juarez e Aurora chegou a comemo-

rar as suas bodas de prata. Mas, anos depois, Juarez ficou doente, e foi hospitalizado. Passados alguns meses, veio a falecer, para a imensa tristeza de Aurora. Ela perdeu seu entusiasmo e aguentou pouco tempo a solidão no circo. Não suportou mais aquela vida de chegadas e partidas sobre quatro rodas, sem o seu amor. Decidiu, então, voltar para Belo Monte, para o merecido descanso da vida de viajante e também para fazer companhia à sua mãe, bem idosa, que já aposentara, há tempo, sua inseparável máquina de costura, indo morar com o filho Alair e com sua nora.

Bento assumiu o comando do circo, com novos artistas contratados. Foi desde pequeno preparado para conduzir o negócio da família. Era responsável e puxou o talento dos pais.

Aurora prometeu fazer sua última atuação, quando o circo chegasse à sua cidade natal. Foi, então, que depois de acertar a data da estreia, Bento mandou espalhar panfletos pela cidade, que anunciava despedida de sua mãe da vida circense e sua volta definitiva para Belo Monte. Seria sua última atuação.

O anúncio chegou também às mãos de Cassiano, já mais velho, aposentado, ainda solteiro, e quando ele o leu, apertou o papel em seu peito, sentiu o coração bater forte ainda e pensou: Aurora está voltando, assim como o Sol que renasce todos os dias. Afinal, sonhar é um presente do universo e traz felicidade mesmo sem a esperança de realizá-lo.

Mas agora a situação era diferente, a vida tinha tomado outros rumos, o tempo já acalmara os corações e o futuro a Deus pertencia...



Celso de Almeida Cini

Foi membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupou a Cadeira 37, cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André (SP) , em 18 de outubro de 1934, era filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 1962. Trabalhou por 50 anos como advogado, em todas as modalidades: criminal, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Mestre e doutor em Direito Civil, foi professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André, e atuou como tradutor de idiomas neolatinos. Publicou o livro *Machado de Assis, Romance e Paixão de uma Vida*, em 1999, pela Academia de Letras da Grande São Paulo. Memorialista, tem diversos artigos nas revistas *Tamises*, editada pela Algrasp, e *Raízes*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Faleceu no dia 16 de junho de 2023.

Nascimento do Messias

PROPONHO-ME A CONTAR-LHES a fascinante história da anunciação luminosa do Natal de Jesus — o Cristo —, Filho de Deus, prometido e anunciado nos céus estrelados em dezembro do ano 7 a.C. São muitos os que querem contá-la e, cada qual a conta a seu modo, mas, ninguém tem provas de nada.

O nascimento do Messias

Nasceria de uma Virgem, em Belém da Judéia, segundo previram os Profetas, Miqueias e Isaías, entre os anos 07 e 06 a.C., uma movimentação planetária -- destinada essa movimentação a cumprir suas órbitas naturais, de Rotação e Translação, em torno do Sol, que os ilumina e os mantém agregados e dando vida, movimento e equilíbrio, ao poderoso Sistema Solar, parte da Via Lacta, dentro do imenso Universo ao qual pertencemos. A profecia de Isaías: “Uma virgem conceberá e dará à luz um filho eis como Isaías anuncia sua escolha para ser mãe do Messias, ungido por Deus e, que nasceria em Belém da Judéia”.

“Myriam apanhou o cântaro e saiu para enchê-lo d’água; e então uma voz lhe disse: “Eis que tu foste altamente agraciada; o Senhor está contigo; bendita és tu entre as mulheres. E ela olhou para a direita e para a esquerda, para ver de onde havia partido a voz; mas, estando cheia de temor, foi para casa e depositou o cântaro, apanhou a púrpura, sentou-se em seu lugar e começou a fiar. E eis que um anjo do Senhor surgiu diante

dela, dizendo:” “Não tenhas medo, Myriam! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus— Deus salva —, conforme auspiciosa notícia divulgada pelo Antigo Testamento. Será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”. Myriam, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?”, e o anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus”. (Trecho retirado do Protoevangelho de Tiago Maior)

Houve motivo para o susto de Myriam. Pois o início desse contato ocorreu junto à antiga Fonte de Nazaré, “aquela que nunca seca”. Próxima a ela, hoje se encontra a Igreja Ortodoxa Grega de São Gabriel.

Ao ouvi-lo, compreendeu que então seria a Virgem escolhida — Maria — e entendeu a nobreza da proposta divina, aceitando-a: “Eis aqui a escrava do Senhor: Faça-se em Mim, segundo a tua palavra!”. Cumprida a tarefa, o anjo a deixou.

Tais fatos foram vividos com sucesso pela futura mãe do Messias, filho de Deus e Redentor. O Pai havia decidido que entregaria seu próprio filho ao mundo como o Cordeiro de Deus. “Ele viria - e veio! – para assumir e suportar os pecados da humanidade”. Estes fatos ainda guardam muitos mistérios, principalmente para os israelitas, prosélitos do Judaísmo.

Estrela de Belém, no crepúsculo matinal que despertou a admiração dos Magos do Oriente, pessoas atentas e estudiosas, logo se interessaram pelo divino anúncio celeste: o nascimento anunciado de um Rei, em Israel! Logo entenderam que o Deus Altíssimo avisava a humanidade, pelo céu noturno, sobre o nascimento do Messias, prometido há séculos, ao povo hebreu, mas, inteira-

mente esquecido em Jerusalém, não obstante o brilhante aviso divino manter-se, noite após noite, nos céus de Israel, sobre suas cabeças, como uma benção silenciosa, mas inteiramente ignorada... Um povo de cabeça dura... e desinteressado das decisões elevadas de seu próprio Deus, que o livrou do cativeiro do Egito com braço forte e carinhoso... Inesquecível!

Um grande Rei nascia em Israel, na Palestina!

Celso de Almeida Cini

CADEIRA 37 • PATRONO • AFONSO SCHMIDT



Maria do Céu Formiga de Oliveira

@mariadoceuforniga

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 38, cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, é pós-graduada em Psicologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo. Desenvolveu suas habilidades também como artista plástica, tendo realizado inúmeros trabalhos de pintura em aquarela ao longo de sua carreira. Na esfera acadêmica, ministrou as disciplinas Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade na Faculdade de Belas Artes, em São Paulo e, atualmente, é uma das coordenadoras do curso de pós-graduação em Psicologia Analítica da Universidade Cruzeiro do Sul.

Um leve e delicado olhar

CHEGA UM MOMENTO EM QUE VOCÊ precisa romper com você mesmo por estar esgotado e incapaz de qualquer ineditismo. É hora de buscar o que de si ainda está oculto e que precisa vir à luz, pelo empenho, pela insistência, pela coragem de se reinventar, buscando acordar capacidades que ainda estão adormecidas, administrando limites que não precisam mais prevalecer.

Anuncio, então, essa boa nova: é possível desenvolver um novo olhar sobre a vida! Um leve e delicado olhar. Somos livres para mudar, porque livre não é quem faz tudo o que quer, que realiza todos os desejos. Livre é quem faz o que faz a partir das suas escolhas.

Alguns boicotadores, para terem uma vida mais dócil, estão alocados na ausência de calma, de paciência e de silêncio para ouvir o coração. Às vezes, você precisa passar boa parte do seu tempo revendo débitos do passado, analisando se valeu a pena ou não, e não se dá conta da vida que está à sua frente.

Tudo hoje nos convida a ir com muita pressa e, se não nos cuidamos, adoecemos, nesse ritmo que nos impede de perceber a própria vida. É preciso ter calma – uma virtude essencial. Só na quietude descobrimos que a vida é rara e precisa ser apreciada, saboreada. A vida merece ser vivida em todas as suas fases, com muito entusiasmo.

Quando estamos atabalhoados, nossa alma fica em rebuliço, não encontrando lugar de descanso. A verdadeira paz é aquela que, quando silenciado o corpo, a alma também começa a se calar e ficar propensa a Deus, aumentando as possibilidades do encontro com o numinoso.

O silêncio nos ajuda a navegar nas mudanças e ensina que tudo pode mudar. A vida não é linear. A mudança está sempre ali, bem pertinho de nós.

Estar dentro de si é uma escolha do coração, uma decisão de separar o tempo para a própria intimidade e sentir-se um aprendiz. Não há respostas prontas, mas uma jornada na qual podemos aprender, desaprender e reaprender. Estar inscrito na linguagem da intimidade que encontra espaço para a afetividade e para confidências.

Nosso crescimento tem de ser progressivo, ainda que sujeito a recaídas, crises e dúvidas. Mas o fato é que, no secreto, no silêncio, nossa consciência se alarga e pode gerar uma mudança inteira que se refletirá nos gestos e atitudes do dia a dia, enfim, no desejado, leve e delicado olhar sobre a vida.

O secreto não é apenas uma dimensão externa, um local propício. É, também, uma dimensão interna, um refúgio no coração, numa dimensão fora do plano racional e pragmático. Há um tempo de silêncio, recolhimento e solitude.

É preciso, emocionalmente, livrar-nos dos excessos e acolher que somos todos frágeis, que nem sempre somos capazes de dar o que temos de melhor. Por isso, submeter-se às regras da justa medida é uma convocação para o fracasso.

Estressados, perdemos a delicadeza, que é a característica fundamental de toda pessoa que tem o coração voltado para os valores eternos. Delicadeza e leveza são parentes próximos, que imprimem graça às dificuldades da vida. Tem a ver com a forma com que escolhemos ver e encarar os acontecimentos do cotidiano.

Não importa o lugar: em casa, no trabalho, na rua, no trânsito... É preciso apenas um pouco de atenção aos comportamentos pesados, intolerantes, raivosos, indelicados e excessivos, que tiram a leveza do viver diariamente.

Os termos *pesado* e *obsessão* caminham juntos e nos tiram a percepção das pequenas surpresas. Assim, a maneira como transitamos pela vida é responsabilidade nossa. O tamanho e o peso da bagagem que carregamos depende do quanto nos carregamos de angústia, impaciência e hostilidade. Não sobra espaço para o que é macio e suave.

E é a partir do autoconhecimento que conseguimos balancear e dar equilíbrio aos nossos compartimentos internos. Quando entendemos o que se passa dentro de nós, desenvolvemos o acolhimento dos nossos medos e angústias sem que sejamos sucumbidos por eles.

Mas, para isso, as pausas são necessárias! Alguns minutos com os pensamentos soltos e sem preocupações podem ser o suficiente para nosso processo de tornar a alma mais leve. Quando agimos dessa forma, trazendo mais harmonia ao nosso cotidiano, contagiamos quem está à nossa volta. Criamos uma espécie de onda de leveza, sem o menor esforço.

Lembro-me da minha adolescência, indo para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), com minha irmã portadora de deficiência em sua motricidade. Lembro do quanto caminhávamos a pé, todos os dias, para ir e voltar. Quanta dificuldade nessa marcha. Interpretávamos aquele trajeto simplesmente como

mais um exercício que nos traria a extrema felicidade de constatarmos a melhora daquele diagnóstico limitante. Quantas amizades fizemos, quanto brincamos naquele cenário, quanto nos solidarizamos com a dor do outro...

Quantas vezes fiz malabares com bolinhos de chuva na hora do lanche, para que a leveza e a alegria, como painas ao vento, pudessem pairar naquela paisagem tão marcada pelo desassossego.

Um olhar leve nos convida a pegar leve a vida e isso está longe de sermos pessoas mais fazedoras e menos contemplativas, sem espaço para o respiro da alma. Significa, apenas, desacelerar, ser capaz de seguir um ritmo interno mais legítimo e menos forjado pelas demandas do mundo. É preciso olhar, ainda, para o que temos como valores importantes.

Culturalmente, há um *status* em estar sempre ocupado. Importante é questionar por que é que fazemos o que fazemos. O que escondemos tanto dentro da gente quando ocupamos demais a vida? Pergunte a si mesmo e decida curar a ferida que você evita presentificar e que ocupa um lugar tão expressivo no seu coração. Aí sim, esse novo olhar fará morada no seu interior.

Apreendi a aceitar meus machucados e a cauterizá-los para que, não latejando, me permitam ouvir o sopro do vento desalinhando meus cabelos.

Por isso, me sinto superconfortável em anunciar que é possível desenvolver um delicado e leve olhar sobre a vida. Um olhar que convide à reciprocidade e reconheça a dignidade do outro e a minha, para fazer diferença por onde meus pés pisarem.

Um novo olhar

Luto para que o desatino
que há no mundo
não encontre terra descansada
para se desenvolver em mim.
Protegida pelo que creio,
vou recolhendo (e distribuindo)
as estrelas que ficaram pelo caminho.
Não nasci para machucar
ou outras temporárias necessidades.
Nasci para salvar pássaros
e entrelaçar mãos.

Maria do Céu Formiga de Oliveira

CADEIRA 38 • PATRONO • MÁRIO QUINTANA

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

O TEMPO PASSA

A FLOR DO
MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

ENTRAREE
DELCADO
OLHAR

Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

NASCIMENTO
DO MESSIAS

A MENINA E OS
SANTINHOS

Ant
Wladetschen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

A NOVA AMIGA

O NASCIMENTO



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

@sebastiaogeraldoferreiragom

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André (SP). Nascido em Santos Dumont (MG), em 1947, é o terceiro de uma família de 12 irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena (MG), no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André. Cursou Direito em São Bernardo do Campo (SP).

Quadro de Aviso

Faleceu ontem por descuido!
Não pode ter acontecido isso,
pois pago bem para cuidar dela.
Certamente alguém foi omissos!
Qual foi a minha tristeza
ao ler aquilo no quadro de aviso.
A velha égua campeã estava morta,
morta atirada ali no piso!
Eu vi aquilo e não me aguentei,
lágrimas escorreram no meu rosto.
Limpei os olhos com meu lenço azul
e voltei desesperado ao meu posto.
Eu, o responsável, deixei isso acontecer
e agora como correr o próximo páreo?
Não sei eu vou pensar se conseguir.
Talvez a solução esteja com o Cesário!
De fato logo apareceu com um cavalo
e se colocou à disposição o oferecendo.
Claro, aceitei, pois seria a única chance
e não deu outra foi para o páreo, vencendo.

Meu achado

Eu só sei que me empolguei
quando li aquele anúncio,
pois certamente foi o prenúncio
de tudo o que desejei.
De fato me encontrei fascinado,
pois era tanta alegria
e eu ali sorria
com aquele maravilhoso achado.
No jornal estava escrito, acredita?
As palavras empolgantes,
repetidas pelos amantes,
que minha noiva a mim dedica.
“Meu querido namorado
quis o peito que te ama,
embebido nessa chama,
declarar-te meu amado”.

Esquina da vida

A tristeza aparece quando estamos descontentes
e sempre nos deixa em estado lastimável!
Não sei se é bom ou ruim nesses momentos,
pois nos obriga a procurar solução contornável.
E assim a gente sai à cata de soluções
já sabendo no entanto que é difícil resolver.
O tempo passa e a coisa não acontece
e a gente até esquece o que tem a fazer.
Mas eis que na fachada daquele prédio na esquina
se encontra o anúncio de um trabalho a fazer.
Aquilo faz mudar um pensamento de derrotas
por vitória e desafios a vencer.
Portanto em cada esquina da nossa vida
pode estar em palavras anunciados
a solução dos problemas e conflitos
que todo dia nos são apresentados.

Cabeça fria

Motivo sim eu teria,
mas não quis me ater-se a isso,
pois todos sabem que não ando errado
e sempre cumpro o compromisso.
Foi por isso que fiquei muito chateado
quando li a carta a mim endereçada
acusando-me de não ter obedecido
aos critérios da missão anunciada.
Como não, se nem ao menos chegou a data
para o cumprimento da demanda?
Será que querem somente me assustar,
ou descobriram os desmandos de quem manda?
Para mim pouco importa, certamente,
mas vou tentar disso tudo esquecer.
Melhor é ter todo o corpo dominado
do que a cabeça de maldades se encher!

Eterno viver

Quando se tem o amor
o sorriso é constante
e mesmo distante
se sente o calor.
O calor dos desejos
da alegria presente
que a gente sente
no sabor dos beijos.
E a certeza de haver
a pureza da paz
é o que nos faz
ser o eterno viver.
Ver a luz a brilhar,
ver o sol nascer
e o entardecer
com os pássaros a cantar.
É assim que teremos
o viver nessa vida
se nela for sentida
o calor que queremos.
E no coração com ansiedade
uma voz de criança
trazendo esperança
anuncia a felicidade.

Primeiro lugar

Qual foi a minha surpresa
quando ali cheguei.
Luzes acesas, rádio ligado,
café na mesa, estranhei.
A última vez que ali estive
de nada me lembro,
a não ser do vaso de flores,
pois era setembro.
Mês das flores, alegria
o mês do amor,
é quando me ponho a pensar
o quanto é importante a cor.
A cor dos olhos da minha amada,
a cor da minha gravata
até a cor vermelha quando estou nervoso.
Isso não é bravata!
O mais importante de tudo
é o que vim aqui fazer,
pois sempre cumpro o compromisso,
que é o meu dever.

Estranhei sim, pois não era normal
aquela recepção.
Fui logo perguntando;
e aí Ronaldo será que mereço
essa comemoração?
Sei lá é você que vai responder,
pois o caso é sério!
Vamos tomar café depois você me fala
desse mistério.
Tudo bem e como vão as coisas?
Do mesmo jeito, sem novidade,
até que tudo melhore,
pra dizer a verdade!
De repente tudo aconteceu
quando li o que ali estava escrito;
meu nome em primeiro lugar.
Meu Deus, meu Deus não acredito!

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
CADEIRA 01 • PATRONO • GUSTAVO TEIXEIRA



Jose Roberto Espíndola Xavier

@drxavieroficial

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 24, cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto, é médico, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) - campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho, é membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio-presidente da Associação Paulista de Medicina - Regional de São Caetano do Sul, foi médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. É curador da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e patrono fundador das Artes do município, além de ser membro da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias *Meu Século* (2002) e *Voyeur* (2006).

Cinquentenário da XIV turma FMRP • USP

Foste tu,
Senhora de destinos,
Magistra da arte de curar,
Que nos fizeste crescer,
Chorar, sorrir, vencer.
Enfim... Viver
E brincar de semideuses.
Foste tu,
Domadora dos espaços sólidos
De coexistir em tempos
De amores líquidos
Sem freios ou contrapesos
Nos arroubos libertários,
Que propuseste caminhos

De sermos felizes de ser
Ou não!
Quando se diagnosticava
Estar enferma a nação.
Contudo, foste chão, teto,
Braços de solidariedade.
Objeto de desejo, inspiração,
Foste fé, foste verdade.
Há muito enamorados
Éramos, já antes,
Teus precoces amantes.
Tempos de fartas cabeleiras,
Juízos pequenos, sonhos grandes,
Paixões cegas,
Cabeças coroadas no Olimpo.
O mundo aos pés!
Empáfia de onipotência
De filhos de Esculápio,
Irmãos de Húgieia.
Arautos da razão,
De insensatas opiniões,
Ostentações, querelas
Nas cabeças cobertas
Pelas boinas amarelas.

Depois, “cartuchos” na mão,
Liberdade de sermos justos
Ou pecadores impunes
Por ousadias seguras
Na vulnerabilidade de outrem,
Mesmo com consciência pura,
Mesmo no intento do bem.
Réus e juízes de nós próprios,
O poder de inferir, inquirir,
Nunca para inquirar.
Estarrecidos pelo limiar
De novo “Admirável Mundo Novo”.
Testemunhas oculares
Da incrível evolução secular
Da Ciência e tecnologia
Plasmando-nos benfazejos
Com o privilégio de mitigar,
Em corpos e almas, a dor,
Na dedicação plena
Como servos do amor
Pela arte de Avicena.
Aos lembrados, aos quase olvidados,
Aos postumamente ora
Reverenciados,

Uniram-se um dia
As algemas do destino
De um tempo comum
De mútuo respeito
Às idiossincrasias e truísmos.
Aptidões diversas, empatias,
Virtudes individuais reveladas,
Protagonismos nos bastidores
De uma peça encenada
Por orgulhosos atores
No palco mágico desta Hogwarts,
Templo sagrado dos saberes
Da engenharia Divina...

Feçam-se as cortinas!
Louros, decepções, infortúnios,
Conquistas e derrotas,
Sobreviventes de tragédias
Físicas e humanas, seja afinal
Um átimo de felicidade maior
Este nosso abraço fraternal.

Printemos estes sorrisos!
Copos erguidos, mãos para cima,
Juntemos os gaps de saudades
Destas pretensiosas rimas.
Vele ordenar versos e reversos
Para nunca se perder a estima...

A Terra é plana?
Há um precipício depois da esquina?
Há vida além da curva
Onde a estrada termina?
Ars longa, vita brevis
E não nos cabe mais
Achar coerência nos mistérios.
Geração *baby boomers*, agora
Mais que o ego lustrado
Cabe sim o outrora,
O resgate de um feliz passado...
No apagar da chama,
Ao tempo curto a hora clama
Ostentar com altivez,
Reconhecer, com eterna gratidão,
Sem a dúvida do talvez,
Sem medo de errar, jamais,
Que, no amor por ti, ó Medicina,
Repousaram sempre
Nossos mais puros ideais...

José Roberto Espindola Xavier
CADEIRA 24 • PATRONO • ALBERTO DE OLIVEIRA

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

O TEMPO PASSA

A FLOR DO
MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

ENTRAREE
DELCADO
OLHAR

Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

NASCIMENTO
DO MESSIAS

A MENINA E OS
SANTINHOS

Ant
Wladetschen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

A NOVA AMIGA

O NASCIMENTO



Ana Cristina Silva Abreu

Sócio correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, foi Acadêmica e ocupou a Cadeira 12, cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984, em Ourinhos (SP). Atualmente reside Praga (República Tcheca). Coursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo, onde foi premiada, em primeiro lugar, no Prêmio Talento Metodista 2015, na categoria Melhor Monografia, com o projeto de Marketing entre Culturas, e no prêmio Destaque Metodista 2006. Coursou, ainda, Letras, pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboicabal, e em Alfabetização, pelo Centro Universitário UniSEB. Conquistou o segundo lugar no concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra *O Coelho sem Cartola*; o primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores, com a obra *Mas... e o Zero?*; o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto Juvenil 2013, com a obra *O Colecionador de Palavras*; e o primeiro lugar no Concurso Cultural Pense em algo bonito, sonhe com a República Tcheca 2020, com o conto *Precisando de inspiração? Sua próxima parada é a República Tcheca!* Lançou, ainda, os livros *A Montanha, o Cachorro e o Menino e A Dança do Dragão*, pela Amazon, em 2019.

A nova amiga

MAL O SINAL HAVIA TOCADO e Helena já estava com um pé para fora da sala de aula. Não queria perder tempo com as músicas, as brincadeiras, as conversas ao fim da aula. Cruzou o corredor como um risco e desceu as escadas da frente da escola pulando os degraus de dois em dois para quase cair de cara na calçada, tamanha a pressa. A mãe de uma colega ajudou-a a levantar-se, o que ela agradeceu com um sorriso rápido e pôs-se logo a correr novamente.

Quando abriu o portão de casa, a pressa se justificou. Ele estava ali: pequeno, assustado, enroladinho no próprio corpo com o rabo cobrindo o focinho. A pelagem malhada lhe rendera o nome de Mimoso, nome este que Helena chamou carinhosamente enquanto jogava a mochila de lado. Ele, como que saindo instantaneamente de um transe, levantou-se abanando o rabo e correu na direção da nova amiga.

Os dois rolaram pelo chão da garagem, correram, pularam em meio a risadas e latidos, até que a mamãe gritou lá da sala que era hora do banho. Contrariada, a menina entrou em casa seguida por seu novo fiel amigo. Sim, novo. Mimoso fora resgatado no dia anterior em uma esquina perto dali. Ele estava ensopado pela chuva

da tarde, sujo e faminto quando Helena, regressando da escola, ouviu um breve gemido. A menina não pensou duas vezes e, enquanto a mãe ralhava com ela, dizendo que não poderiam cuidar de um cão, Mimoso já havia sido batizado e corria pelo quintal. Bastou uma tarde para o coração da mamãe se derreter.

Agora o cãozinho parecia pertencer à família já há muito tempo. Esperou que Helena tomasse banho sentado diante da porta do banheiro e depois ficou ao redor da mesa da cozinha mendigando alguma sobra do jantar, embora seu prato estivesse cheio de ração. À noite, dormiu ao pé da cama de sua nova amiga, satisfeito. Ela, por sua vez, sorria e sonhava com o pequeno. Ambos serenos, ignorantes da sorte que a alvorada reservava.

No dia seguinte Helena teria passado despercebida pelo mural de anúncios da escola caso um garotinho não tivesse gritado: “Que bonitinho! Parece uma vaquinha malhada!”. A menina sentiu seu corpo ficar gelado e se voltou lentamente para o mural. Ali, alunos e professores colavam papéis com anúncios de eventos, pedidos de ajuda para estudos, livros para trocar ou emprestar, artigos escolares à venda e o que mais fosse necessário. Entre a oferta de aulas de violão e a convocação para o coral estava a foto do Bóris.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Helena. O Mimoso se chamava Bóris, pertencia a uma garotinha do primeiro ano que estava desesperada. A pequena relatava, com sua letra de forma ainda em fase de alfabetização, que o cachorrinho havia escapado dela durante um passeio, ao se assustar com a buzina de um caminhão. Ela pedia qualquer informação que a ajudasse a reencontrá-lo e oferecia sua merenda como recompensa.

O coração de Helena se partiu ao ler aquele anúncio. Ela não ouviu os comentários ao redor sobre sua estra-

nha reação. Não ouviu as palavras da professora naquele dia, nem as risadas dos amigos. Todos os seus sentidos pareciam anestesiados e sua mente oscilava. A menina estava sofrendo, perderia o cãozinho, a atitude correta era devolvê-lo. Ele, porém, estava feliz com sua nova dona. A garotinha, provavelmente, nem cuidava direito dele, deixou-o fugir!

No caminho de volta para casa a menina andava devagar. Ela tentou adiar a chegada o máximo que pôde, não queria lidar com aquela situação. Ao tocar o cadeado do portão, estava convencida de que não era culpada de nada, não precisava entregar o novo amigo e que poderia ignorar o anúncio no mural. Entretanto, ao entrar, viu Mimoso dormindo no jardim. Sem entender o motivo, sussurrou: “Bóris”. O cachorro ergueu as orelhas imediatamente e começou a olhar ao redor até que seus olhos encontrassem os dela. Ele hesitou por alguns instantes para depois correr na direção da nova amiga. Foi o suficiente para os olhos marejados de Helena se converterem numa cachoeira.

A mãe correu para a entrada ao ouvir o pranto da menina e abraçou a filha antes de perguntar o motivo daquele desespero. Sábia, ela apenas ouviu. Depois aconselhou Helena a tomar um banho e se preparar para o jantar. “Decisões como esta devem ser tomadas de cabeça fresca e barriga cheia”, disse ela.

Durante o jantar, a menina recontou toda a história com detalhes para o pai, que, ao final, apontou o óbvio: “Ele não é seu, ele pertence a outra menina que está sofrendo e você sabe disso”. Mas Helena também sofria, ninguém se importava com ela? O jantar não tinha mais gosto e ela correu para o quarto. Naquela noite, dormiu abraçada com Mimoso.

Pela manhã, quando a mãe acendeu a luz para acordá-

-la, Helena já estava sentada na cama, pensativa. Ela sabia que ouviria alguma lição sobre moral e a importância de fazer o que é certo. Sim, ela sabia que Mimoso já tinha uma família que o amava. Sim, ela entendia que, agora que conhecia a verdade, era errado omitir os fatos. Sim, ela gostaria que devolvessem seu cachorro perdido se estivesse no lugar daquela garotinha. Mas será que ninguém entendia seu sofrimento? Suas lágrimas não importavam?

“Suas lágrimas importam, meu amor”, disse a mãe. “No entanto, seu coração importa mais”. A menina parou de chorar e fitou a mãe, sem entender. “Eu não posso permitir que a tristeza lhe impeça de ser justa”, continuou. “Não posso permitir que a tristeza se transforme em egoísmo e, por fim, justifique qualquer atitude. A sua tristeza não pode ser escusa para agravar a tristeza do outro. Se eu permitir isto, este pequeno pecado por assim dizer, logo seus olhos estarão cegos para os sofrimentos alheios e seu coração só enxergará a si mesmo.”

“Entendi. Eu seria uma pessoa egoísta.”

“E você seria uma pessoa solitária. Não há solidão pior que um coração encerrado em si mesmo. “

Quando Helena, obediente, subiu a escadaria da escola com o cãozinho nos braços, ele já não se chamava mais Mimoso. No pátio, uma menininha de cabelos encaracolados e óculos cor-de-rosa correu chamando por Bóris. O cachorro atendeu e correu na direção da dona, da antiga amiga, sem sequer olhar para trás. Maria, a menina, abraçou sua heroína e agradeceu, sem tomar conhecimento do conflito moral de há pouco. Helena sorriu o único sorriso triste de que dispunha no momento e deu as costas a caminho da sala de aula.

“Você quer visitá-lo? “

Helena hesitou, mas virou-se de volta para Maria: “Posso?”

“Ele vai sentir sua falta, com certeza. Se você quiser, peço para minha mãe ligar para a sua e combinar.”

Helena estava surpresa e demorou para responder. A menina olhou para o chão, sem graça. “Se você não quiser, tudo bem. Eu... Eu não tenho muitos amigos, mas agora que o Bóris voltou está tudo bem.”

“Eu adoraria visitar vocês dois. “

Maria sorriu e as duas caminharam lado a lado pelo corredor. “Você deu algum nome para ele? Mimoso? Como não pensei nisso! É o nome perfeito!”

Maria tagarelava. Mimoso, digo, Bóris latia. E Helena entendia, finalmente, as palavras de sua mãe.

Ana Cristina Abreu
SÓCIO CORRESPONDENTE
Praga (República Tcheca)



Ana Luiza Almeida Ferro

@alaferro

Sócio correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, é nascida em São Luís (MA). Promotora de Justiça, professora, escritora, historiógrafa, poeta e conferencista internacional, é doutora e mestra em Ciências Penais, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem pós-doutorado em Direitos Humanos, pela Universidad de Salamanca (Espanha). Graduada, também, em Letras e Direito, é membro de honra da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica, da European Society of International Law, do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Direito, da Academia Brasileira de Filosofia, da Academia Maranhense de Letras e de várias outras instituições culturais. Detentora de certificados de proficiência em Língua Inglesa pela University of Cambridge (Inglaterra), e de diplomas pela Université de Nancy II (França), como o *Diplôme supérieur d'études françaises*. Autora de numerosos artigos e livros, sobretudo de Direito Penal, História e poesia, dentre os quais *O Tribunal de Nuremberg: dos precedentes à confirmação de seus princípios* (2002), *Quando* (2008), *Crime organizado e organizações criminosas mundiais* (2009), *O naufrago e a linha do horizonte* (2012) e *1612* (2014, edições brasileira e europeia), recebeu o Prêmio Poesia, Prosa e Arti figurative (Itália, 2014 e 2019), a menção honrosa do prestigioso Prêmio Pedro Calmon 2014, concedido pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, o tradicional Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015 e o Prêmio Vianna Moog, da União Brasileira dos Escritores do Rio de Janeiro, em 2017.

Amanhecer

Pelas frestas da noite escura,
Uma tênue luz se insinua;
Não carrega consigo a cura,
Empalidece, devagar, a lua.
A janela do dia se abre,
A porta da noite se fecha;
Está prestes a investir o sabre,
Está prestes a cair a mecha.
O sol brota por trás do monte,
É o calor que agora assombra;
A treva se esconde no horizonte,
O frio se aboleta na sombra.
É completo o anúncio do dia,
A lua, magoada, não se fia.

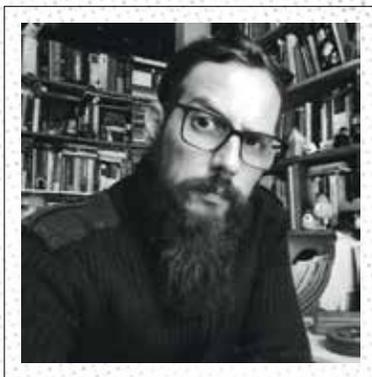
A Palavra Abortada

Suava aos borbotões
tudo lhe sufocava
a camisa amarrotada de seda
a gravata de nó apertado
o estrado reduzido
os microfones enlouquecidos na plateia
os olhares cravados na sua postura
os ouvidos atentos à sua boca
mas a palavra não lhe saía
não podia ou não queria
nascer
enrolou-se na língua
entrincheirou-se nos dentes
travou na garganta
e o anúncio foi abortado
não viu a luz do dia
e o escândalo, amuado, se calou
pelo menos por essa vez...

Ninguém Estranhou

Quando o galo cantou
ela negou
quando o bolo estragou
ela degustou
quando o perfume acabou
ela suspirou
quando o bonde passou
ela ficou
quando a bala raspou
ela ignorou
E então ninguém estranhou
quando veio o anúncio
de sua morte
num dia chuvoso
do mês mais seco.

Ana Luiza Almeida Ferro
SÓCIO CORRESPONDENTE
São Luiz (Maranhão)



Flávio Mello

@flaviomelloescritor

Sócio correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, possui graduação em Letras - Literatura, especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e mestrado em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com o título *Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima*. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. É docente convidado em universidades e colégios onde ministra aulas sobre Literatura, escrita criativa, conto contemporâneo e poesia. Ministra oficinas em diferentes abordagens, que vão desde a criação de peças e construção de fantoches à Poesia Modernista de Jorge de Lima. Atualmente é diretor de Cultura em Siqueira Campos (Paraná).

Um escritor sem preço

POR MAIS DESARRUMADO QUE POSSA PARECER, é um lugar agradável, não muito arejado, de fato, mas há inúmeras possibilidades de utilizar o mesmo.

Organizando tempo, espaço geográfico / filosófico, compreendendo sua importância – é um lugar formidável em se fazer morada.

Passou por incêndios? Sim!

Passou por terremotos? Sim!

Por inúmeras conturbações? Sim... mas aguentou firme, mesmo na falta de água e luz – se manteve firme.

Houve, em alguns momentos, inundações por intempéries – sim, sim... claro que houve, impossível dominá-las.

Uma boa pintura, reforma por assim dizer, pode dar uma ótima aparência e até elevar seu valor, o tempo desgastou demais, o que é natural dada sua idade – 45 anos... o que queriam também?

O fato é que acumulou experiências, conhecimento – e vem enriquecendo, nesse sentido, claro, constantemente. É um bom lugar para ouvir boa música, comer bem, observar obras de arte e etc.

Recomendamos um mergulho profundo para desmistificar sua obra, seus gostos e a forma como vê e sente a vida...

O preço, praticamente de graça, já que está a disposição o tempo todo e sempre que é solicitado está ao seu lado.

O porquê desse anúncio? Bom, há quem diga que não se pode julgar um livro ou filme pela capa – o que dizer de uma pessoa, de um escritor.

Onde encontrar? Nas prateleiras, na internet, nas redes sociais, ou por aí, divagando sem parar.

Recomendações? Há várias... mas a principal é – aproveite enquanto é tempo, pois depois que partir restará apenas a saudade.

Flávio Mello

SÓCIO CORRESPONDENTE

Siqueira Campos (Paraná)



Giovanni Monopoli

Sócio correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, nasceu em Taranto (Itália), em 28 de junho de 1949. É sócio-fundador e presidente da Associazione Culturale Onlus Poiesis, instituição cultural sem fins lucrativos, com sede em Taranto. Participou de várias antologias, em italiano, português e romeno. Os seus primeiros escritos seguiam pegadas longe do coração, mas à medida que o tempo passava, soube dar prosseguimento, aplicando a cultura da palavra que o levou a escrever os livros de poesia: *Cristalli di poesia*, *Viaggio nella natura* (estes dois com edições em Português), *Scrivendo pensando*, *Un viaggio tra i silenzi della vita per un non dimenticare mai* e *Gemme d'amore*. *Cristais de Poesia* e *Uma viagem pela natureza* foram lançados no Brasil em 2016, nas cidades de Jales (SP), Mauá (SP), Cruz Alta (RS) e Soledade (RS). É membro honorário da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências “A Palavra do Século 21”.

O tempo passa

O tempo flui através da ampulheta
leva consigo cada instante, cada momento
e na sua essência guarda a luz
nas carícias desse vento amigo
que sussurra nos silêncios que produz.

Desliza pelo espaço inundando corações
e no meio do aconchego
recompõe-se para guardar o dia e a noite
para aguardar o regresso de cada dia.

Desliza silenciosamente por entre olhares omissos
entre os reflexos de uma vida que desperta
deixa-se embalar pelo sorriso das ondas
acariciando as bordas das respirações,
ouvindo o bater que acompanha o sonho.

Flui no peito da alma
balançando entre nuvens prateadas
e na esperança que se abriga no coração
espera sorrateiramente por essa canção
o jorro silencioso da existência!

Giovanni Monopoli
SÓCIO CORRESPONDENTE
Taranto (Itália)



Teresa Gentile

Sócio correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo, nasceu em Taranto (Itália). Escritora, crítica literária, educadora - com doutorado em Pedagogia -, jornalista e historiadora. É fundadora e presidente do Salotto Culturale Palazzo Recupero, localizado em Martina Franca, comuna da província de Taranto. Atualmente dedica-se à Arte e à Literatura, e é considerada, na região, como uma grande ativista cultural, também por difundir uma cultura de paz em todos os sentidos. Participa como jurada em vários concursos artísticos e literários, e já foi agraciada com diversas condecorações, uma delas concedida pelo general Merendino, da Aeronáutica Militar. É autora das obras *Martina Franca desde a tecelagem até a indústria de confecções* e *Ecos do Jubileu em Martina Franca*. Em 2014, lançou uma antologia programada para sete edições intitulada *Scigno di Emozioni*, com a participação de poetas brasileiros e italianos, sedimentando, assim, a sua atuação cultural além da Europa, graças a ponte de amizade e paz construída com a poetisa ítalo-brasileira Ana Stoppa, que assina o prefácio da primeira edição deste projeto. Acadêmica honorária da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro (ANLPPB) e da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências “A Palavra do Século 21” (Alpas21), possui cerca de 15 livros publicados, sendo que todos fazem parte de um projeto para registrar a história e incentivar a leitura, com várias edições distribuídas gratuitamente.

Anúncio

Cada novo amanhecer
é um anúncio luminoso
da ressurreição
de toda a certeza
de poder realizar o sonho
em que acreditamos
e que dá sentido à vida.

Cada aurora
transforma-se num brilho mágico de cores,
de esperanças,
de novos voos,
de vontade tenaz
de esforço
para ser melhor.

Cada noite escura
tem sempre uma pequena luz
que a ilumina,
como um farol
entre as tempestades da vida
para indicar um caminho seguro
e redescobrir a alegria... de estar vivo.

Toda a vontade sábia de PAZ
conosco, com os outros e com a Mãe Natureza
é um anúncio divino
que somos livres, fortes e sábios
na medida em que propagamos a paz,
através de pequenos gestos e atitudes,
a fraternidade e o acolhimento, e assim
florescemos este mágico jardim chamado VIDA!

A VERDADE EM FATOS E FOTOS

Cinquentenário da XIV turma FMRP-USP

O TEMPO PASSA

A FLOR DO
MARACUJÁ

Um dia nublado
em Terra Alta

QUADRO
DE
AVISOS...
ESQUINA
DA VIDA...

ENTRAREE
DILIGADO
OLHAR

Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

UM ESCRITOR SEM PREÇO

O PACOTE

Os postes e as pequenas
caixas que anunciam

NASCIMENTO
DO MESSIAS

A MENINA E OS
SANTINHOS

Ant
Wladetschen

ARCO DE
SANTA
CATALINA

Amanhecer...
A palavra
Abortada...

A PREMONIÇÃO

A NOVA AMIGA

O NASCIMENTO



Gioconda do Carmo Labecca de Castro

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupou a Cadeira 30, cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha (MG), era filha de Humberto Labecca e de Iria de Rezende Labecca. Professora e assistente social, fez cursos de Parapsicologia, Psicologia e Psicologia Dinâmica. Com curso superior em Parapsicologia, ainda formou-se em Legislação Trabalhista e Relações Humanas. Ainda estudou Literatura, na Academia Brasileira de Letras (RJ); História, no Ateneu Paulista; e Literatura, na Academia Paulista de Letras. Foi presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Fez parte da Academia Brasileira de Trova (RJ), ocupando a Cadeira de Teófilo Dias; do Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; e da Sociedade de Homens de Letras do Brasil (RJ), entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

A Premonição

(do livro *Voltando ao Passado*, editado em 2006)

LOURDES E ROMANO eram meus vizinhos na rua Décio Vilares em Copacabana. Eram pessoas adoráveis, gentis, hospitaleiras e amigas. Sempre estávamos juntos e saíamos constantemente para jantar no “Ariston”, restaurante muito conhecido em Copacabana e bem frequentado.

Nos fins de semana era certa a nossa presença ali. Não havia um só dia que não nos falássemos. Romano era brincalhão, não levava nada a sério. Lourdes era meio calada e não apreciava muito o jeito de ser de Romano, o bancário. Lourdes trabalhava na Santa Casa de Misericórdia. Ambos tinham um salário pequeno que mal dava para cobrir as despesas do dia a dia. Para amenizar a situação financeira dos dois, dei-lhes uma sugestão, de que alugassem um quarto para um rapaz de bons princípios e tudo estaria resolvido. Parece que um Anjo passou e disse. Amém!

Era assim que falava minha mãe quando as coisas aconteciam logo que se falasse nelas.

Nessa tarde, Romano recebeu a visita de seu colega Pedrinho e lhe contou que desejava alugar um quarto para se desafogar e ter um pouco mais de dinheiro. Mal Romano acabou de falar, Pedrinho segurou-lhe o braço e exclamou:

— Puxa! Você é um homem de sorte! Hoje falei com um amigo da Marinha, o Eduardo, rapaz de bons costumes, quieto, muito educado, mineiro de Itajubá que não está satisfeito onde mora e procura um quarto, pelo menos até dezembro, porque vai se casar e alugar um apartamento. Vou agora mesmo falar com ele e amanhã estaremos aqui.

Pedrinho cumpriu o que prometera. No dia seguinte, estavam os dois com a mudança. Seus pertences eram duas malas e um rádio, e em seu quarto daria para colocar mais objetos. Era espaçoso e tinha ampla janela. Eduardo gostou e logo se adaptou.

Quando cheguei do trabalho, Lourdes já me esperava... era sábado e eu trabalhava na parte da manhã no Ministério da Fazenda. Depois metia-me num maiô e ia para a praia, onde ficava a tarde toda. Antes de sair, fui ao apartamento de Lourdes e ela estava encantada com o hóspede.

— Vem, Gio, vem conhecer o nosso inquilino. Eduardo lançou-me um olhar discreto estendeu-me a mão e disse “muito prazer” e continuou mexendo no rádio com a chave de fenda, de cabeça baixa, não nos dando muita atenção.

Quando eu o vi fiquei gelada e meu coração batia fortemente, porque era esse o homem que eia constantemente no meu pensamento: moreno, alto, muito bonito e tímido. Chamei Lourdes e levei-a à cozinha e afirmei categoricamente:

— Eu vou me casar com esse homem! Pode crer que

ele será meu marido! É muita coincidência eu tê-lo guardado por tantos anos no meu pensamento e agora que o encontrei não vou perdê-lo.

— Você está doida – concluiu.

— Ele vai se casar no dia oito de dezembro com uma prima.

— Duvido que esse casamento se realize. Ele vai se casar comigo!

Depois que eu fiz essas afirmativas, fiquei pensando por que eu agira assim, se eu estaria numa frequência molecular muito alta, ou seria uma percepção extra sensorial? O certo é que saí dali cheia de esperança e encantada com a vinda do homem com o qual sonhara a vida toda.

Todos os dias, Lourdes e Romano falavam-me da educação do hóspede e convidaram-no para sair conosco à noite, convite que aceitou prontamente.

No sábado, fomos ao Ariston e ficamos muito tempo lá. Jantamos e saímos para andar na avenida Atlântica. Eduardo olhava-me com ternura parecendo sentir por mim o que eu sentira por ele. Pegou-me as mãos, apertou-as e levou-as levemente aos lábios num terno beijo. Quando paramos ao lado de uma árvore, eu fiquei na sua frente beijei-lhe a boca. Ele abraçou-me fortemente, apertou a minha cabeça no seu ombro e exclamou:

— Desde que a vi, há vinte dias não paro de pensar em você. Isto não poderia acontecer. Estou uma enrascada, vou me casar e você é a mulher com que sonhei. Quando chego do trabalho, gosto de encontra-la na sala conversando com a Lourdes. Isso faz parte da minha vida. Você não percebeu que ela já sabe que estamos interessados num romance?

— Eu não tenho segredos para ela e já lhe disse que estou gostando de você!

Meu apartamento dava frente para a rua e o de Lourdes era de fundos, assim eu poderia ver a hora de Eduardo chegar e correr para seu lado. Estávamos namorando e ele me proibia de falar com qualquer homem, de sair sem ele, principalmente ir à praia. Eu fazia sua vontade porque não queria perdê-lo.

Eu já o sentia meu. Faltava só ele decidir sua vida com a noiva que o esperava ansiosa. Nós nos conhecemos em 28 de agosto e faltavam quatro meses para o casamento. Com a nossa convivência, ele se tornou irrequieto, nervoso, preocupado, talvez pela situação embaraçosa em que se encontrava. Uma tarde, ele tocou a campainha do meu apartamento para se despedir porque ia a Itajubá resolver o término do noivado e desmanchar o casamento, porque ele gostava de mim e que jamais amara alguém como me amava. Que não dormia, não se alimentava direito e fumava demais porque não podia viver sem a minha companhia. Eu achei uma solução maravilhosa porque seria melhor romper o noivado do que se casar pensando em outra. Eduardo partiu e ficou uma semana resolvendo o assunto. Quando voltou eu estava com Lourdes na cozinha, ele abraçou-me, beijou-me e disse:

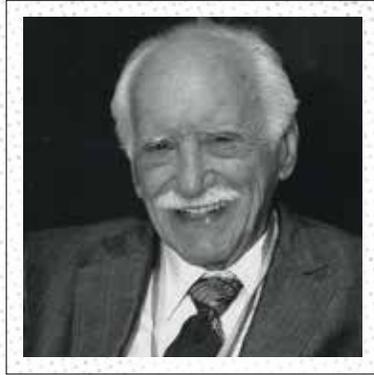
— Estou livre! Vamo-nos casar! Eu a amo apaixonadamente!

Meus olhos encheram-se de lágrima. Lourdes ficou me olhando e esboçou um sorriso como que dizendo: Você tinha certeza quando me disse que se casaria com ele.

O amor que nos unia era grande, imenso, sincero e tínhamos certeza de que nascêramos um para o outro. Marcamos o casamento, para outubro do ano seguinte, numa cerimônia simples. O religioso foi celebrado em Vassouras, na Igreja de Santa Rita de Cássia, pelo padre Salésio, e o civil num cartório de Copacabana.

Nossas vidas eram cheias de compreensão, afeto, harmonia, sem subterfúgios, sofismas e enganos. Vivemos catorze anos num mundo de sonhos e encantamento, até que a morte veio sorrateiramente e o arrebatou dos meus braços no dia seis de agosto de mil novecentos e setenta e quatro.

Gioconda Labecca
IN MEMORIAM



Rinaldo Gissoni

No dia 11 de agosto de 1981, Rinaldo Gissoni fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp), um orgulho para a cultura brasileira. Foi presidente desta instituição por 26 anos e ocupou a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni, e faleceu em 6 de novembro de 2010, em Santo André (SP), aos 94 anos. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia, quando ainda estudante em Pouso Alegre (MG), onde morou, apaixonou-se pelas letras. Paixão esta que o levou a fundar os periódicos *O Futurista*, de caráter eminentemente literário, e *O Veterinário*, de caráter científico, além do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos, culturais, éticos e estéticos mostrados em suas obras, nas quais valorizou, sobretudo, a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em *Dimensões Humanas* (1976); *Pedestal Inacabado* (1981); *Brumas* (1983); *Os Mistérios da Montanha* (1989); *O Enigma Rosângela* (1993); *Irisações Finais* (2000); *Braços Abertos* (2007); e *Elemento RAM, O: Random Access Memory* (2007). *Além das Trevas* (2010) foi seu último livro publicado em vida e lançado *in memoriam* devido ao seu passamento. A Academia de Letras da Grande São Paulo foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

O primeiro milagre

(do livro *Além das Trevas*, editado em 2010)

INFORMADO PELOS SUMOS SACERDOTES e os escribas de que, segundo a escritura, nasceria, em Belém, um novo rei de Israel, Herodes, O Grande perturbou-se. Sabendo, ainda, o tetrarca que três magos, guiados por uma estrela, viriam adorar esse Messias, mandou que, quando chegassem, fossem trazidos, primeiro à sua presença em Jerusalém...

Insinuando o desejo de, também, reverenciar o recém-nascido, determinou aos magos que lhe indicassem o local da natividade. Absoluto nos seus mandos, ai de quem ousasse desobedece-lo ou enganá-lo. A cabeça do descumpridor de sua ordem, rolaria. Oh! Indescritíveis os seus acessos de ira. Ele parecia enlouquecer.

Herodes, cercado de cortesãs e vassalos, nas costurmeiras libações que lhe inspiravam planos sinistros, aguardava, com ansiedade, pelas últimas informações prometidas.

Mas os magos, após a adoração e as ofertas de ouro, incenso e mirra, avisados em sonhos da perfídia que o tetrarca planejava, ao invés de retornarem ao Palácio, regressaram às suas terras tomando por caminhos diferentes.

Ao completar o Menino oito dias de vida, José e Maria o levaram a Jerusalém para apresentá-lo no templo. Dali voltariam a Belém, onde aguardariam que os desidiosos agentes do recenseamento os libertassem. Ignorando as infaustas maquinações, Josué julgava aproximar-se o momento de regressarem à sua cidade de Nazaré.

Transcorreu uma enfiada de dias inquietantes. Persuadido de que fora ludibriado pelos magos, e lembrando-se de certas profecias sobre a vinda de um rei predestinado a governar Israel e seu povo, Herodes ordenou intensa

busca em todas as moradias categorizadas e até mesmo nas casas de hospedagem de Belém, desprezando choupanas e lugares humildes que seriam indignos de abrigarem um Eleito. Frustrado no seu intento fizera despachar soldados mercenários, armados de lanças, espadas e cotas de malha, em perseguição aos magos, porém, estes de há muito haviam transposto as fronteiras da Judeia. Mas o Menino teria de ser encontrado, era forçoso que morresse. O tempo decorria. Então decretou a morte de todas as crianças até a idade de dois anos. Foi quando, em sonho, José recebeu aviso para que fugisse rumo ao Egito, levando Maria e o Menino.

Em segredo, partiram... Cobrindo a cabeça e o rosto com um lenço, Maria envolveu-se no manto com Jesus nos braços, acomodando-se no dorso da mesma jumenta que a trouxera de Nazaré. Era noite alta, o luar clareava os campos e, a não se o farfalhar das ramagens ao sopro do vento glacial do sul e o piar de alguma ave perdida alhures, tudo era silêncio. Os animais achavam-se recolhidos nos estábulos, as ovelhas nos apriscos, os pastores nas suas choupanas. Mas José, guiado por uma força sobrenatural que lhe encurtava as distâncias, ia puxando a jumenta que transportava Maria e o Menino Jesus.

José vencia as veredas do Hebron interrompendo, por vezes, a viagem para um descanso sempre que encontrava lugar aquiescente para abrigá-los. Certa noite, os solitários viajantes, alojados numa caverna, foram surpreendidos pelo tropel de cavalos. Alguns homens de mau aspecto, armados de adagas e punhais adentraram portando tochas.

— Que procuram no nosso esconderijo?

José amedrontado, respondeu tartamudeando:

— Somos de paz... Não fazemos mal a ninguém... Herodes, O Grande, nos persegue e, para salvarmos de morte o nosso pequeno, fomos obrigados a fugir. Procuramos um lugar no Egito.

— Dá-me a criança! Tenho um filho da mesma idade.
— disse com certa tristeza o que parecia ser o chefe do bando, dirigindo-se a Maria – Sabemos do que acontece em Jerusalém e em Belém. Dá-me a criança.

— Não, não... Por piedade! Não tire o menino de mim, não lhe faça mal. É o meu único tesouro. Eu morreria...
— gemeu, estreitando o filho junto ao seio.

— Somos salteadores. Meu nome é Almehti. Roubamos para viver, não matamos para roubar. A crueldade de Herodes tem causado muitas fugas e desgraças. Deixe-me pegar esse pequeno. É lindo...

Adiantou-se, o salteador tomou-o nos braços; o Menino sorriu e, afagando as barbas espessas do homem, moveu os lábios:

— Teu filho morrerá ao meu lado... — disse.

Surpresa! O bruto estremeceu, devolvendo a criança à Mãe. Oh! Não era possível que tais palavras tivessem sido pronunciada por uma criança de tão tenra idade. Mistério! Somente a Isha Almehti foi dado ouvir. Seria, talvez, uma mensagem?

— Se o destino é o Egito, — falou a José — sigam pelos vales, sempre pelos vales entre Beersheba e Hathira, que são férteis em frutos, caças e água, até chegarem em Matariyed, no Egito, onde poderão ficar em segurança junto a outros israelitas que ali se acham. Ao leste está o deserto de Judá até o Mar Morto. Nas montanhas do Hebron vivem ladrões perigosos e perversos. Desçam pela encosta do Hebron e ali, no meio da floresta de cedros, carvalhos e sicômoros encontrarão a minha tenda. Keturah, minha mulher, dará a vocês guarida e provisões.

Ao nascer da alvorada continuaram a penosa viagem. Foi ao cair da noite seguinte, noite escura e fria, que alcançaram a tenda. Pediram pousada e ajuda.

— Somos gente do bem. Eu sou a Maria, este é José e eis o meu filho, Jesus. Estamos fugindo à perseguição de Herodes. Que Deus se compadeça daquele pobre ho-

mem. Vamos indo para o Egito. Podemos repousar na sua tenda, Keturah?

— Sim, podem ficar. Descalcem as sandálias para lavar os pés, e descansem no meu catre. Nada temos de bom.

Keturah apressou-se a oferecer aos hóspedes água, figos, tâmaras e leite de cabra. A pedido de Maria, trouxe, mais uma vez, água quente numa vasilha. Maria juntou-lhe mirra e banhou o seu menino. Num canto, uma outra criança envolta em trapos, chorava. Na mesma água servida Keturah banhou o seu filho Dimas. Coisa maravilhosa! As úlceras repugnantes que alastravam, dilacerando o corpinho de Dimas, desapareceram, e a sua pelo tornou-se macia e rosada como a pele de um anjo.

No braseiro agonizavam as derradeiras brasas... ao redor da lamparina esvoaçavam libélulas e algumas morriam chamuscadas na chama. Ao despedir-se, Maria deixou nas mãos de Keturah um punhado de pepitas e fios de ouro.

— Para você, e seu Almehdi. — disse, com doçura — Cuide de seu filho, Keturah, e que Deus a proteja...

Circundava a cabeça de Maria uma auréola resplandecente. Keturah prostou-se, deslumbrada... A felicidade entrava na sua humilde tenda e o seu interior impregnava-se de um suave perfume de incenso.

Num canto, embaraçado em farrapos, agitando os bracinhos róseos, o pequeno Dimas sorria pela primeira vez, e o menino Jesus, nos braços de Maria, pela primeira vez chorava...

Nesse ano do nascimento de Jesus, Herodes, O Grande morreu. Seu sucessor, Arquelau, sabia das intenções sanguinárias do tetrarca. Cabendo-lhe assegurar-se de que o massacre das crianças de dois anos para baixo fora executado conforme o decreto de seu antecessor, convocou escribas de Jerusalém para que avaliassem o tempo corrido. A solução foi a seguinte: os magos teriam transitado, certo ano, em dezembro, por Jerusalém de Judá.

Corriam os dias da dedicação do templo. Assinalaram-se três celebrações, a da páscoa, a dos tabernáculos e, novamente, a da páscoa, de modo a se contar quatro meses, depois seis e outros seis meses, totalizando dezesseis meses.

Arquelau sentia-se satisfeito porque, pelos cálculos, a criança que, presumivelmente, seria rei dos judeus, estaria incluída no massacre.

Morto Herodes, o Grande, e decorrido algum tempo, lá em Matariyed, no Egito, José foi avisado em sonho que poderia retornar com Maria e o Menino, não para Belém ou Jerusalém de Judá onde Arquelau, o cruel, reinava, mas para Nazaré na Galileia.

Rinaldo Gissoni
IN MEMORIAM



Academia de Letras da Grande São Paulo

VI Antologia Literária

O Anúncio

Os primeiros anúncios surgiram em 1500, a partir dos escritos de viajantes e missionários europeus que enviavam informações sobre a terra recém-colonizada ao rei de Portugal — Dom Manuel, o Venturoso —, que havia confiado o comando da esquadra a Pedro Álvares Cabral. Com base nestes fatos, a Academia de Letras da Grande São Paulo escolheu o título desta antologia como uma homenagem ao ponto de partida da formação de nossa identidade literária e cultural.

